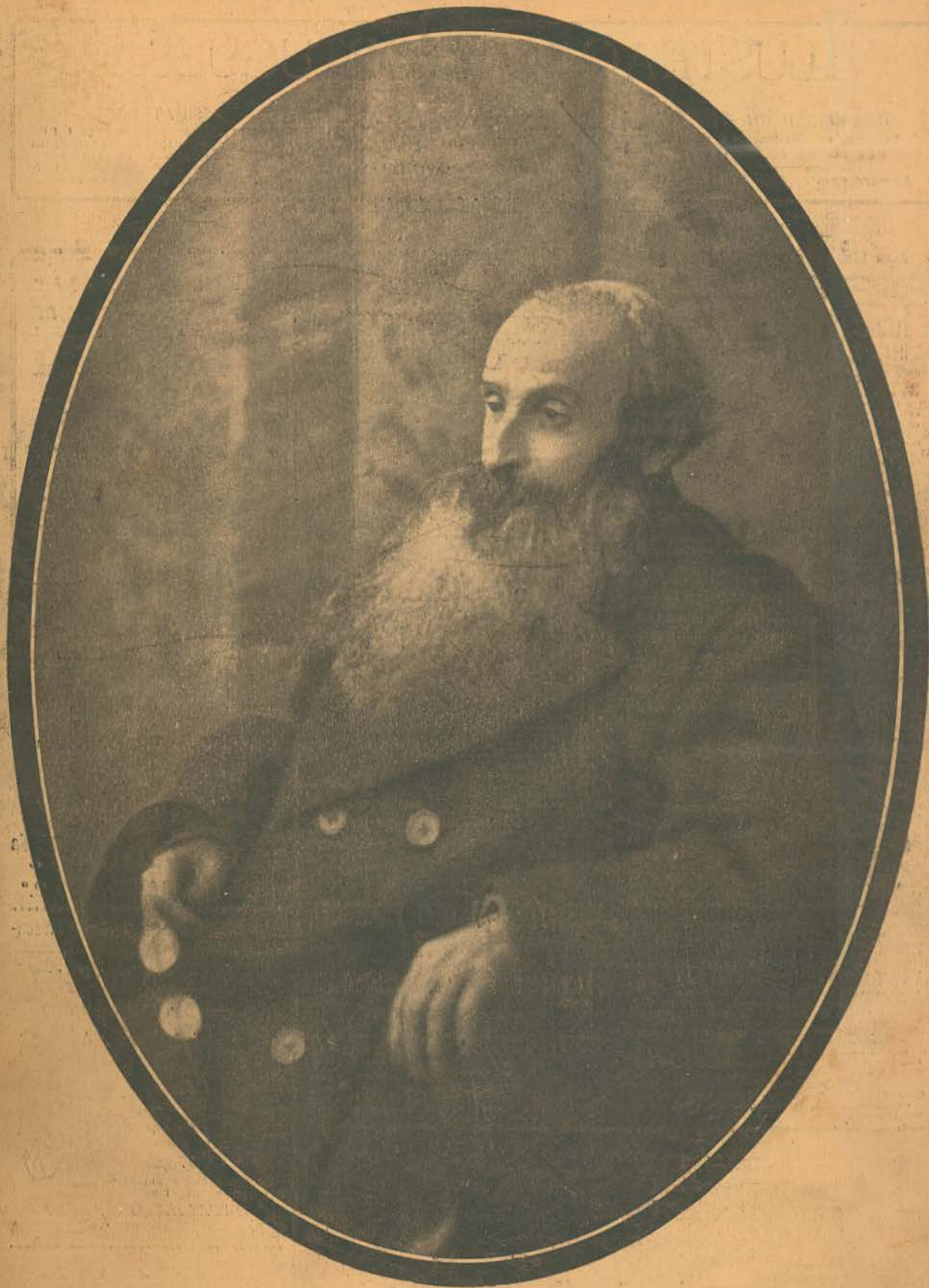




14
Julho
1923

Ilustração Portuguesa

2.ª SÉRIE

N.º 908

ILUSTRAÇÃO PORTUGUESA

Edição semanal do jornal «O SEculo»
Redacção, administração e oficinas
RUA DO SEculo, 40—LISBOA

Numero avulso, 1\$00 (um escudo)

Propriedade da SOCIEDADE NACIONAL
DE TIPOGRAFIA

Editor—ANTONIO MARIA LOPES

ASSINATURAS

PORTUGAL, ILHAS ADJACENTES E HES-
PANHIA: Trimestre 13\$00. Semest. 26\$00
Ano 52\$00 — COLONIAS PORTUGUEZAS:
Semestre 28\$50. Ano 57\$00. — ESTRAN-
GEIRO: Semestre 36\$00. Ano 72\$00.

As Especialidades de BELEZA

do Instituto Anglo-Francez de Beleza são de
toda a tenacidade e de resultados seguros

CREME HOLTINE. Limpa e branqueia, embeleza e tonifica a pele, tirando as rugas, manchas, craves e segurando o pó de arroz. 20 anos de exito:
AGUA HOLTINE. Maravilhosa para a pele. Limpa e evita a gordura e os pontos negros e tem a grande propriedade de fechar os poros.
PÓ DE ARROZ «HOLTINE». Finissimo e muito aderente.
SABONETE «HOLTINE». Finissimo. Cada sabonete tem um atestado de pureza.
EMAL. de PERLES. Para branquear a cara, pescoco, braços, etc., substituindo admiravelmente o pó de arroz. Não cae e não suja as golias.
PRECKLE CREAM. Creme infalivel para tirar as sardas.
ANTI-TACHES. Locão para tirar as sardas sem irritar a pele. Infalivel.
LOTION DIVINE. Tira infalivelmente os pontos negros e fecha os poros. Usa-se conjuntamente com o «Creme Holtine».
BAUME DE BEAUTE. (Para as peles secas). Amacia a pele, tornando-a fina e avelludada. Maravilhoso para o cabelo.
LAIT ANTI-RIDES. Este maravilhoso leite impede e tira as rugas, aformosando a pele.
CREME MERVILLEUSE. Branqueia a pele, tornando-a fina e avelludada.
ROSALINE. Pomada para dar a cor natural ás faces, e aos labios. Muito aderente.
ROSALINE. Liquido para dar a cor natural ás faces, aos labios e ás unhas. Não sai ao comer e beber.
ROUGE DE VIE HOLTINE. Da ás faces uma linda cor rosada.
DEODOR. Para tirar o cheiro dos sapatos. Indispensavel para todas as senhoras.
ELECTROLYSIS POMATUM. Faz desaparecer rapidamente eczemas, borbulhas e vermelhidão da pele.
SAFE DEPIHATORY. Tira momentaneamente os pelos sem irritar a pele. (Para tirar os «duma vez para sempre», há só o tratamento pela «Electrolyse no nosso Consultorio».)
ANTIPOILS. Preparado especial para impedir o aumento e crescimento da penugem.
SEVE SOURCILLIERE. Faz crescer as sobrancelhas e pestanas dando brilho aos olhos.
MYSTIFLOR. Para aplicar nas pestanas, sobrancelhas e palpebras, tornando os olhos grandes e cativantes.
GOTAS MARAVILHOSAS. Da brilho e ternura aos olhos, tirando as inflamações.
HOLINE FOR THE HAIR. Produto Ingles de mais alto valor para parar a queda e fazer nascer e crescer o cabelo, e restituindo-lhe a sua cor natural e impedindo-o de embranquecer. (Não é pintura).
TONICO HOLTINE N.º 2. Para o cabelo gordo. Infalivel contra a seborreia, calvície e faz nascer e crescer o cabelo, impedindo-o de cair e de embranquecer.
PELLICULINE. Tira maravilhosamente a caspa e dá vigor ao cabelo, parando a queda.
BRILLANTINE TONIQUE. Da brilho, flexibilidade e vigor ao cabelo, tornando-o muito sedoso.
SHAMPOO HOLTINE. Em pó, para lavar a cabeça. Tira a caspa, deixando os cabelos brilhantes e sedosos.
BLONDINE. Descolorante da penugem e dos pelos tornando-os quasi invisiveis.
TINTURA HOLTINE. Para o cabelo e bigode. «Incomparavel» e d'uma só applicação. Não sai nem mancha a pele, muito económica.
CUTICREAM. Tira as peles em volta das unhas.
LOCÃO FLEURS D'ORIENT. Tonifica os musculos e enrijece as carnes, fazendo desaparecer infalivelmente as rugas.

SUC DE MIMOSA. Branqueia e amacia as mãos, perfumando-as deliciosamente.
VERNIZ HOLTINE. Da um brilho de diamantes ás unhas, protege-as e dá-lhes uma linda cor natural.
LOCÃO HOLTINE N.º 2. Para tirar o verniz das unhas e preparal-as para uma nova applicação.
OXGALL. Ultima descoberta da ciencia para diminuir os seios, as ancas, etc.
PÓ HOLTINE N.º 4 para enrijar os seios sem os aumentar.
PREPARADO PARA O DESENVOLVIMENTO E ENRIJAMENTO DOS SEIOS. Resultados surpreendentes em 15 dias. Tratamento eficaz, infalivel e completamente inofensivo.
MAMILLARY CREAM. Descoberta maravilhosa para aumentar e enrijar os seios.
LIQUID DENTIFRICE. Para a beleza e hygiene dos dentes e da boca. Branqueia muito.
POUDRE FLEURS D'ORIENT. Pó para banho e para a toilette do rosto. Torna a pele fina e branca, dando beleza ao rosto e ao corpo. Deliciosamente perfumada.
LOCÃO HOLTINE N.º 3. Tira infalivelmente a transpiração excessiva das mãos e da cara. Completamente inofensiva.
PÓ MEDICINAL HOLTINE N.º 2. Adstringente. Especial para peles oleosas. Para pôr depois da locão n.º 3.
AGUA DE COLONIA. Extra-superior.
APARELHO ELECTRODINAMICO DO DR. HINSON. MODELO A. Destruição radical dos pelos em casa. Simplissimo e infalivel. «Unico» tratamento recomendado pelos medicos.
APARELHO, MODELO B. Para destruir os pelos e para applicações electricas ao rosto. (Desaparicao definitiva das rugas, manchas, cicatrizes, verrugas, sardas, impigens, etc.)
VIBRADORES ELECTRICOS. Para maçoas do rosto e do corpo.
TRATAMENTOS NO INSTITUTO. Destruição radical e garantida dos pelos, cabelos e penugem do rosto: pela Electrolyse. Unica casa da especialidade, com vinte annos de pratica. Tratamento fei o unicamente pelos directores.
DESINFECÇÃO E LIMPEZA DA PELE. Pela electricidade e pela luz, tirando as rugas, manchas, sardas, pontos negros, cicatrizes, sinais de bexigas, impigens, etc., etc. Metodo mais moderno, 4, 4\$00; Duzia, 10\$00.
DESENVOLVIMENTO E ENRIJAMENTO DOS SEIOS. Ou a sua redução por um metodo completamente novo. Resultados rapidos.
CURA DA OBESIDADE E DA MAGREZA.
TRATAMENTOS ELECTRICOS AO CABELO, para parar a queda fazendo nascer e crescer.
TINTURA DOS CABELOS. Em todas as cores; Muita duração.
LAVAGEM DA CABECA. Com secagem electrica. Descoloração de cabelo.
ONDULACAO MARCEL—MANUCURE. «SALAS SEPARADAS».

PEDIR FOLHETO

INSTITUTO ANGLO FRANCEZ DE BELEZA

R. Anchieta, n.º 21, 1.º D. Ao Chiado-LISBOA

Telefone C. 5386

NO PORTO: Rua Formosa, 76, 2.º

M. ME HILTON, Directora



Em tres mezes todos podem ser Guarda-livros

DE qualquer casa comercial por mais importante que seja. Habilitação completa e garantida. Centenas de alunos nossos exercem esseogar com toda a competencia nas mais importantes casas. Carta de Guarda-Livros, concluida a habilitação. Matricula permanente. Internato e externato. A 1.ª escola de commercio do Palz. **Escola Commercial Pereira de Sousa—Sede** Palacete da Rua Hreyner, 95—**Porto.** **Filial de Lisboa—Avenida Almirante Reis, 138, Filial do Rio de Janeiro—Rua Senador Eusebio, 400.**

SALÃO AGUA

Grande novidade em

Chapéus de crina de todas as cores

para senhoras e meninas

assim como todas as qualidades em chapéus de picout, feltro e tagal

Silva, Santos, L. da
RUA DO CARMO, 90, 2.º

Eis o mais barato e o melhor insecticida americano

PÔS KING'S

(Cuidado com as imitações)

Formigas
Pulgas
Perceijos
Baratas
Traças



Tudo morre!!

Representantes em Portugal e colonias

BATALHA REIS, LTD.ª

R. Nova on Almeida, 95, 3.º — LISBOA

MELINA

O melhor e mais eficaz

MATA-FORMIGAS

Vende-se em toda a parte, Depositarios gerais:

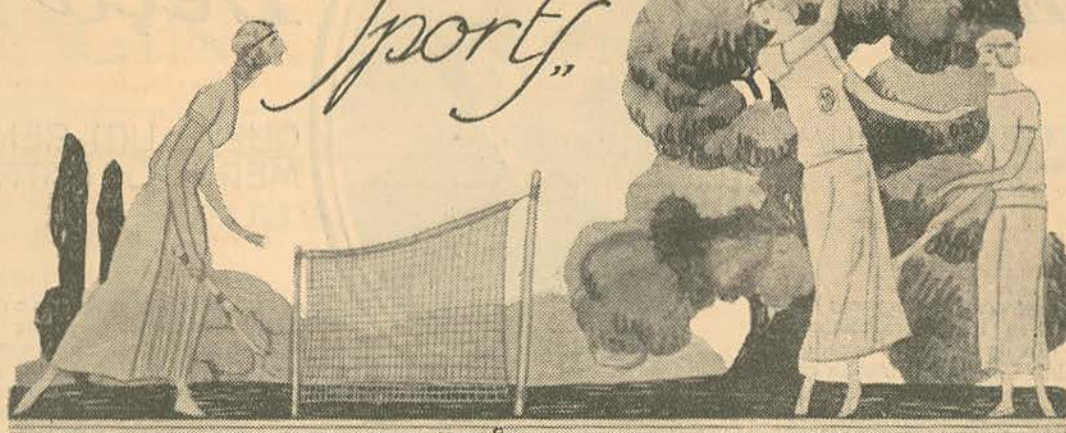
Fernandes, Almeida & C.ª, Lt.ª

RUA DO LARGO DO CORPO SANTO, 10, 1.º

LER NA PROXIMA QUARTA-FEIRA O SUPLEMENTO

MODAS & BORDADOS

Todos os "Sports"



O «Belenenses» conseguiu, vencendo o Carcavellinhos, gravar, pela segunda vez, o seu nome na *Taça Multilados da Guerra*.

O desafio realizou-se em Palhavã, perante uma regular assistência, com um jogo monotono e sem interesse.

Durante o primeiro tempo cada adversário obteve uma bola, respectivamente *shootadas* por Joaquim Rio, a do «Belenenses», na marcação duma grande penalidade, e por Canuto a do Carcavellinhos.

No segundo tempo só o «Belenenses» conseguiu aumentar o *score*, com duas bolas enfiadas por Veloso nas redes do Carcavellinhos.

A arbitragem de Rosmaninho agradou.

—Antes do encontro a que acabamos de nos referir, realizou-se, no mesmo campo, o encontro final da *Taça Ateni*, em que se defrontaram as quartas categorias do Sport Lisboa e Benfica e do Carcavellinhos Foot-Ball Club, que venceu o primeiro por 3 bolas a 2.

A primeira parte terminou com o resultado 3-1 a favor do Carcavellinhos, que dominou nitidamente.

Na segunda parte só o Benfica conseguiu marcar uma bola, na aplicação duma grande penalidade, terminando o desafio com a victoria do Carcavellinhos por 3-2.

Segundo se afirmou, depois do encontro, parece que o Sport Lisboa e Benfica vai protestar perante o Ateni Commercial de Lisboa, organisador da prova, contra a arbitragem do sr. Vicente Gabriel, que na verdade foi deficiente e muito prejudicou aquele grupo.

—O Hockey Club de Portugal, club doador da *Taça Patria* resolveu organizar uma festa desportiva, que abrihantasse o encontro final da disputa daquela taça.

As provas, que se realizaram no campo do H. C. P., em Sete Rios, foram iniciadas por um a salto de esgrima entre os srs. Oliveira Gendre e Carlos Costa, ambos socios do H. C. P.

Na demonstração do *box* que se seguiu, entre os socios da mesma agremiação, sr. José Francisco Ramos e Silva Rasteiro, ficou vencedor este ultimo, que bateu o primeiro aos pontos, em 3 rounds de 2 minutos cada.

A arbitragem

destas duas provas esteve a cargo do sr. Fernando Pereira.

A *equipe* do H. C. P. de lucta de tração, composta pelos srs. D. Serafim dos Anjos, Gonçalves Rodrigues, Carlos Coimbra, Jorge Calmado de Vasconcelos, Artur Ferreira, Francisco Valente e Fernando de Almeida, derrotou a do Carnide Club, sendo-lhe entregue a taça disputada.

Os assaltos do jogo de pau decorreram com fases de grande animação, sendo assaltante o sr. José Dantas e João Quinteiro, do Lisboa Gymnastic Club, Domingos Miguel e José Mendes, do Gymnasio Club do Sul.

Eram 18,5 horas quando os dois grupos representativos do Hockey Club de Portugal e do Carnide Club, finalistas na disputa da *Taça Patria*, alinharam para o ultimo encontro daquele torneio.

A bola de saída coube ao Carnide, que jogava com o vento a favor, mantendo-se o jogo equilibrado durante todo o primeiro tempo, que terminou com o resultado 2-1 a favor do Carnide, sendo a segunda bola deste club obtida na aplicação dum *penalty*.

Na segunda parte o Hockey dominou por completo o adversario, obtendo a bola de empate a meio tempo de jogo, logo seguida da victoria.

Num dado momento os jogadores do Carnide protestaram contra a aplicação duma grande penalidade, sendo o jogo suspenso por dez minutos.

O jogo recommençou e prolongou-se até que poucos minutos antes do final do encontro um dos jogadores do Carnide agrediu um adversario, sendo o campo invadido e estabelecendo-se grande confusão.

Uma vez serenado o conflito os jogadores do Carnide abandonaram o campo, completando assim a sua conducta pouco desportiva e nada correta.

O Hockey Club de Portugal, em virtude da victoria obtida 3-2, ficou de posse da *Taça Patria*.

A arbitragem do encontro a cargo do sr. Alvaro Ferreira, do S.C. P. foi boa e imparcial.

No final da festa, o sr. Alberto Afonso, director do H. C. P. fez entrega de medalhas a vencedores e vencidos e das duas taças disputadas.



O onze do Sport Club de Vila Real, que durante as festas de Santo Antonio venceu o Royal Club de Orense e o «Progresso do Porto» (Cliché Miguel Monteliro.)

D. C.

Armando

Leça

A OBRA DE UM ARTISTA



QUE É UM BENE-MERITO DA PÁTRIA

A *Ilustração Portuguesa* honra-se hoje com a colaboração de Armando Leça, que ao publico da cidade traz na canção que teve a gentileza de oferecer-nos um pouco da alma rude e simples da gente transmontana.

Armando Leça, apesar da sua pouca idade, conquistou já o direito de ser considerado por todos os portugueses um benemerito da Patria.

Atraído pela beleza da musica popular, ha dez anos que percorre o Paiz de concelho em concelho, de povoação em povoação, recolhendo, com uma devoção de artista e uma dedicação de verdadeiro patriota, o nosso riquissimo *folk-lore* musical.

De feira em feira, de romaria em romaria, nos caminhos e nos lares, em toda a parte onde uma rapariga canta, onde uma voz se ergue, de Caminha a Vila Real de Santo Antonio, da beira mar ás terras de Miranda, Armando Leça ouviu todas as canções, procurou a sua origem, estudou através delas o caracter do povo, adivinhou-lhes a intenção e fixou nos seus livros de notas as varias modalidades a que foram sujeitas, ao serem transplantadas para outras regiões.

E' por isso que o insigne artista possui hoje a maior e mais rica demonstração em tal materia, provando que Portugal possui, como poucos povos, uma musica propria, de uma beleza excepcional, attingindo, por vezes, a mais alta escala do genio.

Tivemos a felicidade de ouvi-lo recentemente, em casa de um amigo comum. Durante mais de tres horas deliciou-nos com a execução de dezenas e dezenas de canções de todos os pontos do paiz, desde as aldeias mais signoradas de Trazos-Montes aos arredores de Silves e Portimão, perfeitamente distintas de região para região segundo o caracter dos seus habitantes, languidas umas, alegres outras, mas tendo sempre no fundo o motivo amoroso e lirico da alma portuguesa.

Pela salinha a que nos acolheramos perpassou durante essas horas de superior enlevo para todos

nós a alma de uma raça forte e generosa, ousada e simples, que soube criar uma patria e que, em materia de sentimento, attingiu alturas inacessiveis, modelando a redondilha e vestindo-a de graça e de ternura na musica extraordinaria com que a canta.

Quantos por ahi andam a falar de musica portugueza, tentando definir o seu caracter e dizendo-se, por vezes, interpretes da alma nacional, desconhecem inteiramente o tesouro inextinguivel e constantemente renovado que Armando Leça nos mostrou e que tanto comoveu o seu coração e o seu espirito de artista. O que temos ouvido por ahi, e que tem provocado adjectivações brilhantes despidas de senso, poderá ser tudo menos portuguez. Já o sabiamos ha muito tempo e, por isso, nunca da nossa pena saíu o mais vulgar elogio aos seus autores.

Mas depois do que ouvimos mais nos convencemos da verdade, porque não ha nada mais surpreendente e mais belo do que as canções de Portugal, de uma graça alada e doce, de uma tão extraordinaria riqueza de cor ou de uma tão estranha subtiliza, que por si sós bastaria para nos distinguir de todos os povos e nos marcar um lugar entre os melhores.

E tanto assim é que, tendo um professor americano vindo recentemente ao nosso paiz, comissionado pelo seu governo, para estudar o musica portugueza, e estando preparado para retirar-se com alguns apontamentos sobre o

assunto, os rasgou furioso - o ouvir as canções recolhidas por Armando Leça e por cá se demorou num longo estudo, encantado com o resultado da sua missão. Armando Leça vai publicar essas canções. Vão ter, pois, os que pelo assunto se interessam, occasião de conhecer a beleza incomparavel do nosso *folk-lore* musical e verificar que não exageramos quando demos ao notavel artista, que tão dedicadamente trabalhou, o titulo de benemerito.

E'-o como poucos e, em tal materia, como nenhum. — M. S.



Trecho do Choupal

(«Cliché» D. A. Philippe.)

PAGINA MUSICAL



TEMA TRANSMONTANO

Armando Leça

Um pouco animado

PIANO



ff

p

f Fim ff

D.C.

Silva Poetica

AMOR... E GORDURA

— «Vae casar brevemente. Já sabia?»
Deram-me, assim de chofre, a novidade.
E eu senti, na verdade,
Que a vida, lentamente, me fugia...

Mas quando, enfim, passada a comoção,
Eu pude perguntar,
Fazendo dominar o coração,
Com quem ias casar,

E soube o nome do rival feliz
A quem vais unir, breve, o teu destino,
Pareceu-me um tão grande desatino
Que acreditar nem quiz!

E fiquei tanto tempo a reflectir
Que, sem saber porquê, talvez nervoso,
Talvez — quem sabe? — da vingança o goso,
Eu desatei a rir!

E' que a «beldade» com quem vais casar,
Roubadora das minhas alegrias,
Nas fôrmas e na côr, faz-me lembrar
As rubras melancias!

Perdôa-me a franqueza: se adivinho
Que o meu tão puro amor,
De bom grado trocavas por toucinho,
Até de ti fugia com horror!

Ou talvez, se o soubesse, certamente
E unicamente para te agradar,
Seguiria um regimeu p'ra engordar
Exageradamente!

Porém, eu não sabia que á ternura
Da minha alma, tão crente e apaixonada,
Preferias uns quilos de gordura
E banha dessorada...

Agora eu sei, enfim, por uma vez,
Que ao meu amor — amargo desengano!
Tu preferes um paio alemtejano,
Como bom portuguez...

E eu penso, maldizendo a sorte ignara,
Num mixto de ironia e de amargura:
Perdi o teu amor, e, coisa rara!
Só por não ter gordura!

(Do livro inédito MUSA ALEGRE)

MARIASINHA.

O Lar

O QUE É O LAR?

Ruskin, o sociólogo artista e poeta responde-nos categoricamente. Diz ele: «Quando a verdadeira mulher chega, traz sempre consigo o lar». O Lar é pois a mulher. Por mais artista ou confortável que seja uma casa, por maior beleza ou riqueza que ela encerre, se lhe faltar a presença risonha e clara de uma mulher, não será um Lar. Poderá ser um palácio, um museu, um hotel, mas um Lar, nunca!

O amor, a ternura, o carinho, dons que Deus permitiu que a primeira mulher trouxesse consigo do Paraíso terrestre, fogem aterrorizados, tirando com o frio triste da saudade, diante desse corpo sem alma, dessa flôr sem perfume, desse escrínio sem joia.

Fogem e ao encontrar uma mulher que mereça esse nome acompanham-na, certos que, seguindo-a, alcançarão um lar, ainda que o tecto seja o firmamento, a relva, o tapete, o pirlampo a única luz. Ela mobiliza-o com a sua graça e a sua meiguice, marca a passagem das horas com o som alegre e sonoro do seu riso, maia os silêncios tristes com as suas palavras de esperança e amacia as a estas com o tocar das suas mãos e a carícia suave dos seus beijos.

Sim, Ruskin tem razão: O Lar está por toda a parte onde estiver uma mulher que saiba cumprir a sua missão na terra.

RESPOSTAS AO INQUERITO DO LAR

Teem acedido gentilmente ao meu pedido muitas leitoras. A todas mil graças. Principia hoje a publicação das respostas, algumas das quais são muito curiosas.

O praso para a recepção das respostas termina no fim do corrente mez.

Parece-me que o perdão das ofensas não está na nossa mão. Em todo o caso aos inimigos, tenho a certeza que não perdoaria. Para o amigo é provavel que o coração encontrasse atenuantes.

Blanchou.

Eu, na minha qualidade de mulher, tenho a opinião que seja mais facil perdoar-se ao inimigo, porque deste tudo de mau se espera enquanto do amigo não.

Uma leitora da «Ilustração Portuguesa».

Como vêem já temos duas respostas diametralmente opostas o que promete tornar a discussão interessante.

DE RASPÃO

Em Bruges inauguram-se este mez os concertos de carrilhão. E' linda a idéa e justo é que ela venha da patria das rendas. Alegres repiques de sinos, notas aladas e dispersas, partindo em revoadas pelos ares, cairão sobre os fios

CALENDARIO DA SEMANA

Julho—31 dias

- 15—Domingo—S. Camillo de Lellis.
- 16—Segunda feira—N. Sr.ª do M. Carmelo.
- 17—Terça feira—S. Aleixo.
- 18—Quarta feira—Santa Marinha.
- 19—Quinta feira—Santa Justa.
- 20—Sexta feira—S. Jeronimo Emiliano.
- 21—Sabado—S. Claudio.

que as rendeiras trabalham, como chuva inspiradora. Enquanto esses concertos durarem, certamente as rendas nos chegarão, mais belas, mais ligeiras e vaporosas.

ALGUMAS PALAVRAS SOBRE OS LIMÕES

Não ha fructos mais aproveitaveis do que a azeitona e o limão. Apesar deste ultimo ter atingido hoje preços que relativamente se podem considerar exorbitantes, está ainda barato se reflectirmos sobre o seu valor medicinal, porque não ha nada tão benefico para o estomago como este fruto. Ha pessoas que o usam em quasi todas as refeições, para acompanhar os diversos pratos.

A principal virtude do limão reside na sua efficacia em aumentar as secreções, d'aí a utilidade que possui para quem empregue muito azeite ou gordura na dieta, visto que a continuação destes alimentos faz grande dispendio das secreções biliosas.

O bom paladar do chá do limão depende muito das formas por que é preparado. E' um erro cortar o limão ás fatias e deitar-lhe por cima agua quente, porque assim accentua-se o amargo contido na pele branca da casca. A melhor maneira de o fazer é a seguinte:

Tira-se a casca o mais superficialmente possivel, coloca-se num jarro, e espreme-se o sumo sobre ela. Põe-se-lhes apenas o assucar necessario para temperar a extrema acidez da fruta e depois deita-se por cima agua a ferver. Quem sofre do estomago pode preparar uma bebida calmante, juntando-lhe uma colher pequena de glicerina. Ajuda muito a digestão e alivia os gazes. Um ataque de nausea ou de bilis desaparece algumas vezes por completo se se substituir o assuar por glicerino.

Menús da Semana

Domingo

Almoço

Raia guisada
Isacas com batatas
Café ou chá

Jantar

Sopa de ostras
Pargo cozido com molho branco
Carneiro guisado à la minute
Charlotte russe com crème

Segunda feira

Almoço

Batatas refugadas
Bacalhau albardado
Cacau

Jantar

Sopa d'arroz com queijo ralado
Rins fritos com espargos
Carne de porco assada
Pudim de pão e laranja

Terça feira

Almoço

Feijão carrapato com batatas
Miolos com molho picante
Café e chá

Jantar

Sopa de azédas com ovos
Linguado cozido em vinho branco
Perna de carneiro recheada
Morangos com leite e crème

Quarta feira

Almoço

Costoletas de carneiro à maitre d'hotel
Ervilhas à inglesa
Cacau

Jantar

Sopa de puré de cenouras
Carne cozida com couve lombarda
Pato com feijão carrapato
Crème de coco

Quinta feira

Almoço

Fígado de hespanhola
Ovos escalfados
Café ou chá

Jantar

Sopa de couves
Eirolas fritas
Frango assado
Ovos d'neve

Sexta feira

Almoço

Bacalhau com molho branco
Carneiro à jardineira
Cacau

Jantar

Sopa de feijão encarnado com legumes
Molejas de vitela com cogumelos
Roast-beef
Pudim de flam

Sabado

Almoço

Couve flôr com queijo parmesão
Savel cozido com batatas
Café ou chá

Jantar

Sopa d'ovos cozidos
Filetes de pescada com arroz de pimentos
Peito de vitela com salada
Crème de amendoa



—O quarto não é grande, não, mas tem a conveniência de se ouvir, todo o dia, o fonógrafo do restaurant...

(De L'Intransigeant.)

SEARA ALHEIA



—Mas o senhor é o próprio a anunciar que se falam, aqui, todas as línguas?...

—Sem dúvida: os clientes: eu não!...
(De Le Matin.)



TOTO — Eu tenho tido juízo estes dois dias, não é verdade, mamã? Gostas de mim!...

MAMÃ — Gosto muito. As mães gostam sempre dos meninos que têm juízo...

TOTO — Então, se gostas de mim, porque é que escondes sempre a caixa dos bolos!...

(De Le Petit Parisien.)



—E' uma criada de casa de pasto... Aqui estão os sinais dos beliscos característicos...

(De Le Rire.)



ELA — Queres saber o nome do teu rival? Para que?!

ELE — Não. Para vêr se ele me fica com uma pulseira que tinha comprado para te oferecer...

(De «Le Rire».)



— Eu, acho que as mulheres deviam votar, dos 50 anos em diante... para obrigar os homens a serem mais amáveis connosco. l...

(De Le Journal.)

Romance

A luz do sol poente, envolvendo a pequenina cidade, dava-lhe n'aquella momento um aspecto verdadeiramente feérico.

Como bom provinciano em que se tinha tornado, Jacques Rhynaïre, sentado na sua varanda, gozava, deliciado, a beleza da tarde ao mesmo tempo que ia lendo as noticias locais no jornal da terra: *O Farol da Touraine*.

Seis mezes antes este homem levava em Paris uma vida de deboche. Tinha estado nos clubs, com mulheres pintadas e cartas sujas, não só uma grande parte da imensa fortuna que lhe tinham deixado os paes como o que era mais, a saúde. Os medicos, que se vira forçado a consultar, haviam-lhe dito que a sua unica esperança de salvação estava em munir-se de um bilhete para a mais tranquila das sub-perfeições que lhe indicasse o Bottin e ir lá enterrar-se todo o tempo que fosse preciso.

Jacques Rhynaïre comprehendêra a sensatez do conselho e partirá.

Era encantadora a cidadesita que escolhera. Velhas fontes, pombas nos beiraes, um rio tão preguiçoso como os habitantes do lugar... No passeio publico, plantado de ulmeiros, que datava do tempo da Revolução Franca, tocava uma musica militar cujo maestro decerto andava apaixonado, a julgar pela escolha das peças do repertorio, e da pequenina egreja, sempre aberta, escapava-se aos domingos um cheiro de insenso que subia até ás janelas das casas proximas de envolta com os perfumes das flores.

O doidivas começava já a gozar o extraordinario beneficio do ambiente em que vivia.

Ele que até então só amara a noite, não via agora sem pezar desaparecer a luz do dia. E n'aquella tarde, á sua janela, sonhava com uma aventura terna que conseguisse fixá-lo para sempre sob a doçura d'aquelle céu, quando reparou em certa pessoa que estava sentada no telhado da casa fronteira. Teve a impressão de que a linda creatura tombára do firmamento! O caso, porém, nada tinha de extraordinario. Aquella rapariga, que via pela primeira vez, viera tomar o fresco para o telhado da casa, simplesmente porque esse telhado, cercado de balaustres de pedra, formava terraço, detalhe importante que ele não tinha ainda notado.

Que figurinha de sonho! Dir-se-hia pintada no azul do céu por um pre-rafaelista inglez! Jacques pensou que ella devia ter estado a observa-lo havia muito.

Olhava para elle, fixava-o, sorrindo, com uma obstinação tranquila e cheia de inocencia. E foi elle, o estroina, o debochado, o homem sem pudor, quem baixou os olhos.

Para disfarçar o seu embaraço, quiz entregar-se de novo á leitura do jornal que tinha na mão:

O Farol da Touraine. Mas quando percorria as primeiras linhas do folhetim que o jornal andava publicando e cujo titulo era «Laura», para logo o dominou uma extranha descoberta. Eis o que leu: «A linda rapariga



tinha um vestido de «voile» com grandes mangas fluctuantes. Cingia-lhe a fronte uma fita estreita, que lhe dava a volta á cabeça, prendendo-lhe os cabelos, de um louro esverdeado, penteados em bandós que lhe cobriam parte das faces.

«Sobre o seu rostosinho comprido pairava um sorriso que a tornava irresistivel.»

Aquilo era realmente para espantar. Um retrato assim era tal qual o da rapariga que acabava de lhe aparecer de modo tão imprevisto. Jacques Rhynaïre nadava em pleno maravilhoso! Poz-se a dar á pequena o nome de Laura e a mimosea-la com todas as graças da heroína do romance. O auctor, desconhecido para elle, imaginára Laura vivendo entre um pae idoso e

doente, inclinado dia e noite sobre alfarrabios, e uma velha creada surda-muda. Nunca saíra da sua cidade natal. Crescera no silencio do seu lar e creára, pela leitura dos livros que guarneciam a biblioteca do pae, um mundo imaginário onde o seu espirito vogava deliciosamente. D'essa maneira tambem fôra iniciada no grande misterio do amor. Como Florina, presa na sua torre, chamava ingenuamente a *Ave azul*, côr do tempo, cuja vinda lhe transformaria a existencia. E todo o encanto do romance, todo o seu interesse palpitante residia na evocação d'essa expectativa confiante e ingenua. Aquella que ele baptisára com o nome de Laura passou a vir sentar-se todas as tardes no terraço.

O rapaz caminhava de admiração em admiração. Por uma especie de milagrosa complacencia o romance modelava-se sobre a realidade ambiente. A casa da heroína era aquella mesma casa cinzenta, de telhado em forma de terraço, que ele tinha defronte dos olhos. Era a mesma aquella rua de fachadas erçadas de tabelas. Havia no fim da rua a mesma egreja com as suas flechas arrendadas e o mesmo esvoaçar de pombos que o toque dos sinos fazia levantar dos ninhos em passageiros sobresaltos.

Jacques não mais duvidou de que tinha um papel a representar na linda historia e apaixonou-se loucamente pela rapariguinha. Amava!... Amava!... A toda a hora repetia esta palavra magica... Depois de toda a lama do seu passado podia ainda amar!... A metamorfose era completa.

Um dia não viu Laura no terraço. A idéa de ficar privado de a vêr, a idéa de passar, por assim dizer, sem a sua companhia, pareceu-lhe tão insuportavel que, cedendo a um impulso irreflectido e louco, foi bater á porta da casa fronteira.

Veiu abrir uma creada velha que se parecia extraordinariamente com a que fôra descrita no famoso romance, com a diferença apenas de que em vez de ser surda-muda era unicamente um pouco dura de ouvido.

Jacques esfregou os olhos e balbuciou inconsciente:

— Desejava falar á... á menina...

— A' menina Laura?

— Como? Chama-se Laura?!

— Mas no mesmo instante appareceu um velhote em-

bruhlado num roupão de ramagem já bastante desbotado que se lhe dirigiu.

Também esse lhe era conhecido por ser personagem do romance, porém, não parecia doente, ao contrario, dir-se-hia que gozava de excelente saúde.

— E' a minha filha que quer falar? Tem estado adoentada...

— Não é coisa de cuidado? perguntou Jacques com ansioso interesse, como se fosse um familiar da casa. Muito naturalmente também o velhote explicou.

— Espero que não. De resto, pôde vir vê-la. Ela ha de ficar contente com a sua visita, ha de fazer-lhe bem...

— Um momento, disse Jacques. Vae talvez achar-me muito excentrico...

Apezar da grande impaciencia que me subjugava, desejava fazer-lhe uma pergunta, antes de ver sua filha. Tem lido no *Farol da Touraine* um folhetim que se chama «Laura»?

— Não preciso lê-lo... Fui eu que o escrevi...

— Então, tudo se explica, atalhou Jacques n'um fluxo de palavras. Que deliciosa historia!... Que encantamento!... Aquela Laura!... Quem poderia não amar? O senhor tem um talento enorme!

— Confunde-me... não estou habituado a que me

façam taes cumprimentos... Agradeço-lhe imenso. — Posso perguntar-lhe como tenciona acabar tão encantadora aventura?

— Pode. Mas não sei que lhe responda... O fim depende das circunstancias... porque... eu queria fazer até ao fim um romance... vivido, uma historia verdadeira...

— Então peço-lhe que a termine por um casamento. Ajudado pela sua prosa, puz-me a adorar a sua filha a ponto de não conceber a vida sem ela. Tenho dois milhões de renda e estou disposto a tornar-me seu genro.

O homem, um pouco palido, empurrou a porta de uma sala.

Jacques Rhynaie entrou e viu então a sua heroína languidamente estendida n'uma *chaise-longue*.

— Ouvi tudo, murmurou ela. Aqui está a minha mão...

O rapaz ajoelhou-se aos pés, pegou-lhe na mão apoiando-a contra os labios, enquanto comovido-simo o velhote, cujos rabiscos tinham assegurado a felicidade da filha, exclamava com voz tremula:

— Ora, louvado Deus, é a primeira vez que um romance me rende alguma coisa!...

(De Victor Cyril.)



AGUA, CREME E PÓ D'ARROZ

Rainha da Hungria

Para a Beleza e Higiene da pelle, dando-lhe um avelludado e frescura incomparavel. Não é untoso. As senhoras que o usam teem uma pelle ideal

TONICO VILDIZIENNE

O tesouro dos cabellos

Faz crescer os cabellos

Cura a caspa, a canice, a calvie e todas as doenças de couro cabelludo em todas as idades e em todos os casos.

TINTURA VILDIZIENNE

Instantanea. A melhor e a mais rapida do mundo.

Depilatorio Vildizienne

O unico de resultados surpreendentes, garantidos e rapidos.

Depilatorio electrico radical e inofensivo

O unico que tira progressivamente os pellos para sempre, o melhor do mundo.

Resposta, mediante estampilha, á

Academia Scientifica de Beleza

DIRECTORA — MADAME CAMPOS

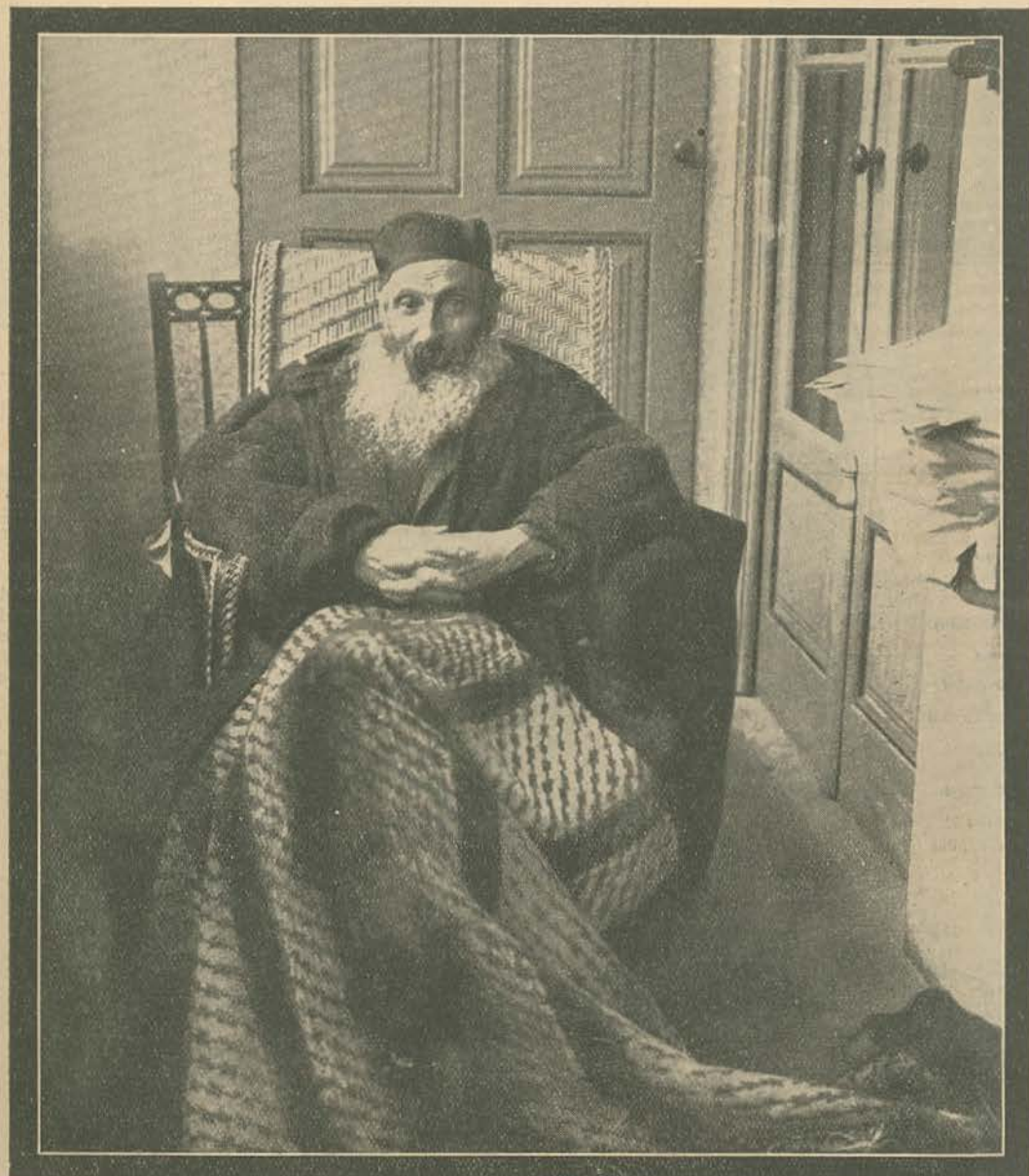
AVENIDA, 23

Teletone 3614-N.

TRABALHOS TIPOGRAFICOS
— EM TODOS OS GENEROS —

Fazem-se nas oficinas da ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA
Rua do Seculo, 49 — LISBOA

GUERRA JUNQUEIRO



O ultimo Instantaneo do poeta

(Cliche André Moura)

ANTE o cadaver de Guerra Junqueiro não temos palavras que exprimam claramente a nossa magua, porque tudo é vulgar e improprio. Fêz-se o vacuo á nossa volta; é como se a luz do sol se apagasse e todos nós tacteassemos na treva, ao acaso, entre precipícios. A morte do Grande Poeta encheu de

sombras a alma de todos nós. Calou-se para sempre a voz clara e divina, voz de pegureiro e de apóstolo, que encheu de beleza e de ternura, de sonho e de graça a alma de Portugal.

Morreu tranquilamente, serenamente, como as notas de um cantico nas quebradas das serranias, perdida no

Realisou no Mundo a perfeição da Alma:



Guerra Junqueiro
com seu pai
(Aos 6 anos
de idade)

Aos 29 anos
(Na oval)

Aos 34 anos
(No medalhão)

Aos 40 anos
(No rectângulo)

Aos 52 anos
(Fotografia
recortada)



O celebre Grupo dos Cinco (1888) de que Guerra Junqueiro
foi o último representante

Da esquerda para a direita: Eça de Queiroz, Oliveira Martins, Al-
lêro do Quintal, Ramalho Ortigão e Guerra Junqueiro



azul, tão doce e tão branda, como
um murmúrio de água, como o
som de uma frauta, como o últi-
mo eco, vago e distante, de um
coral de mil vozes.

Tendo descrito a sua formosa
trajectoria, o espirito do Poeta
alou-se para Deus. O trabalhador
admirável, feita a sua sementeira
d'astros, ganhou honradamente o
seu dia, repousa como um justo e
como um santo.



A casa
da rua Sileta Car-
valho, 32, d' Estrela,
onde
Guerra Junqueiro
faleceu
na madrugada
de 7 do corrente

A sua agonia, longa e se-
rena, foi como a daquele cas-
tanheiro ancestral da floresta,
que o Poeta magnifico can-
tou:

O tronco inanimado e os braços
cadavericos
Já não sabem se é noite ou se
alvorece o dia...
Já não vêm da luz os extatis
quimericos,
Já não ouvem do Imenso a vaga
sinfonia...
E' cega, é surda, é muda a ar-
vore que outrora
Quiz, titanica, erguer-se aos as-
tros imortais;
Já desfelta, a raíz profunda, não
devora.
Já o oiro vibrante e electrico da
aurora
Não lhe acorda a nudez dos bra-
ços, espectrais!...

De alma límpida e de cora-
ção sem mancha, Junqueiro
fez da sua vida uma alvorada



permanente de gloria. Das suas
mãos puras, d'onde agora só des-
ciam bênçãos, flamejou, nas horas
angustiosas da Patria, a espada glo-
riosa que ajudou a redimir um po-
vo, a *joven noiva sangrenta* do he-
roi-Redemptor que um dia viu em
sonhos, essa espada guerreira, que
ele queria

Em brasa sobre um altar,
Entre festões d'amendoeira
E vozes d'oiro a cantar...

De heroi subiu a santo. Depois
de entrar no céu para desalojar Je-
hovah e de penetrar no paço para
expulsar os reis, acolheu-se á chou-
pana dos pobres e com eles apre-
ndeu a divina humildade dos simples
e dos bons.

A casa de Guerra
Junqueiro
em
Barca d'Aiça

O gabinete
de
trabalho
do
poeta

A sala de visitas
do
poeta



Porque foi um Santo sem saber que o era!...



No leito mortuário

A máscara de Guerra Junqueiro, modelada pelo escultor Costa Mota (sobri-

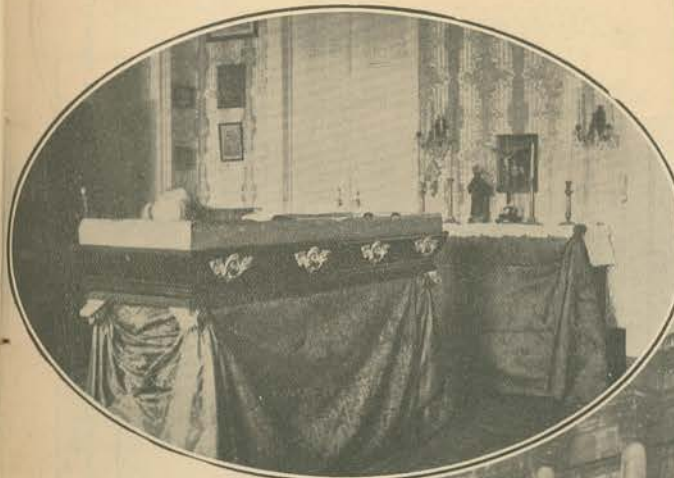


O feretro saindo da casa onde faleceu o poeta

D'então para cá, até ao momento extraordinário em que morreu, a sua vida foi uma constante ascensão.

Longe dos pecados de ralvosas preas,
Dezrebus faul-tos de olhos de metal,
Longe das horrires e teneções aceras,
No torpor dos litos, na embriagués das mesas,
Pulciantes larvas, vibríões do Mal,

O pastor difoso envelheceu ridente
Por despenhadeiros, alcantis, calvarios,



Na camara ardente

E na fronte augusta de eremítão, de crente,
Lhe gravam anos luminosamente,
Como as pombas brancas sobre os campanarios!

Mas a morte chegou. Disséram os jornais que o
Poeta morreu devagar, como um clarão que se ex-
tingue aos poucos, apagado no manto escuro das
primeiras sombras: morte de justo que sucumbe
sem dores, sentindo na fronte augusta o beijo da
Imortalidade. Ajoelhemos junto do seu caixão
e, em vez de orações, resemos de mãos postas
os seus versos d'ouro.

Levará no esquife para os ceus a palma
Da grandeza mansa, da virtude austera,
Realteou no mundo a perfeição da Alma:
Porque foi bondoso como a lua é calma,
Porque foi um santo sem saber que o era!...

Que o seu exemplo de bondade fructifique e
que todas as almas o adorem eternamente.

Mas como adoral-o? Dando ví'a ao canto,
Traduzindo o som:
O hino piedoso, mais belo e mais santo,
Não tem mais piedade, mais dorido encanto,
Que a lagrima triste do mendigo bom.

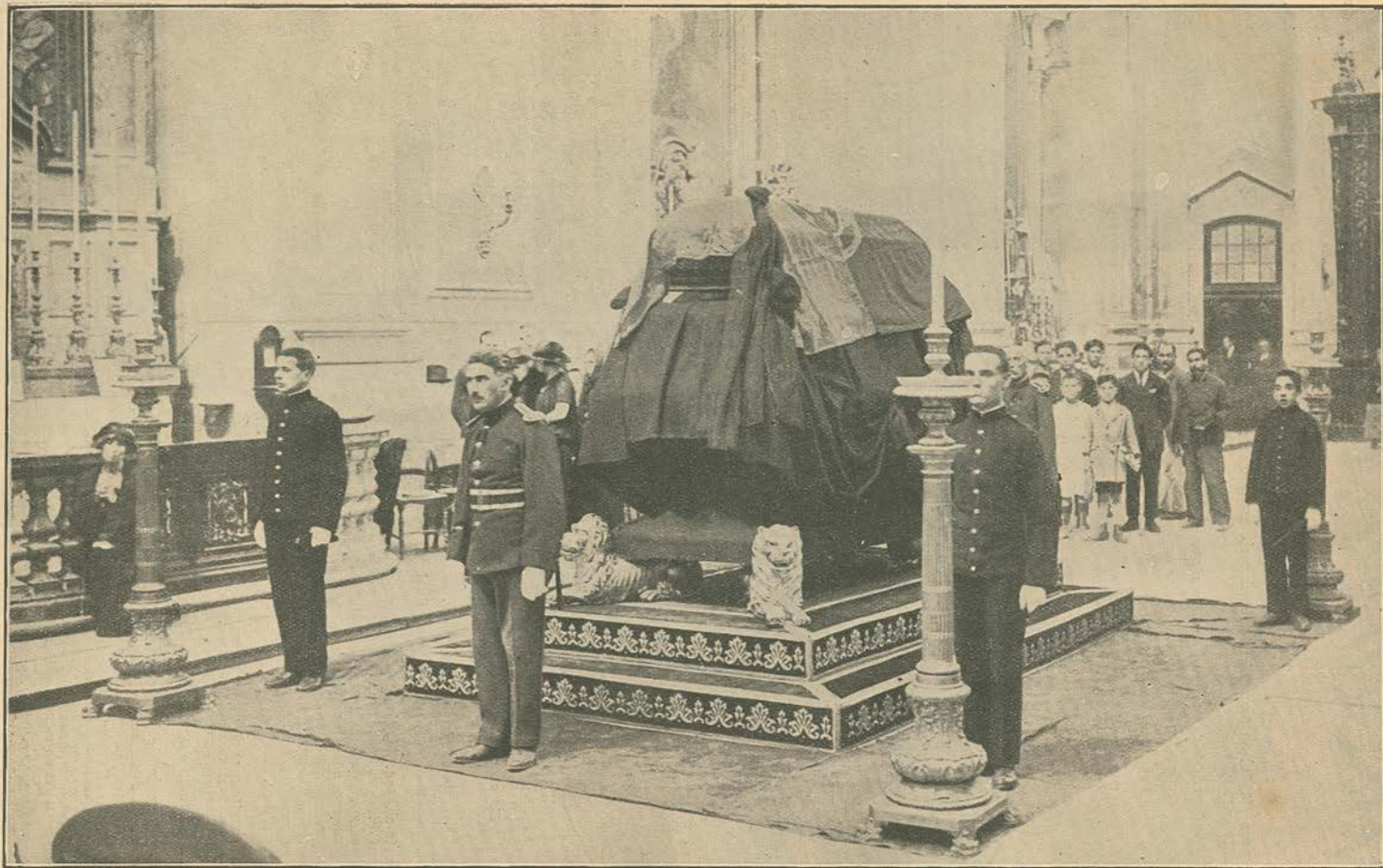
O Mestre adoremos, enlacemos palmas
Em torno a beleza, que é Verdade e Amor:
Seu olhar que dói e nossas frentes calmas,
Venha a nós seu genio para as nossas almas,
Como a luz dos astros para a terra em flor!



A mão direita de Guerra Junqueiro, modelada pelo escultor Costa Mota (sobri-



Entrada da urna mortuaria na Basilica da Estrela



O feretro de Guerra Junqueiro na Basílica da Estrela, velado por alunos do Colégio Militar e Bombeiros Municipais

(Clichés Salgado.)

PERSONALIDADES EM FÓCO



Raimundo Meira
Novo governador de Timor



Victor Hugo d'Azevedo Coutinho
Novo alto comissário da Republica em Moçambique



Julio Henrique de Abreu
Novo Governador d. Cabo Verde



General Aguilera
Presidente do Conselho Supremo de Guerra e Marinha

Altas individualidades espanholas, entre quem se produziu o incidente «da carta» que, tão alarmada trouxe as opiniões no paiz vizinho



Sanchez de Toca
Antigo presidente do conselho de ministros



General Juan V. Gomez
Vice-presidente da Republica de Venezuela, recentemente assassinado



Dr. Michele Pic'ravalle
Vice-presidente da Camara dos Deputados Italiana, assassinado em 28 de junho

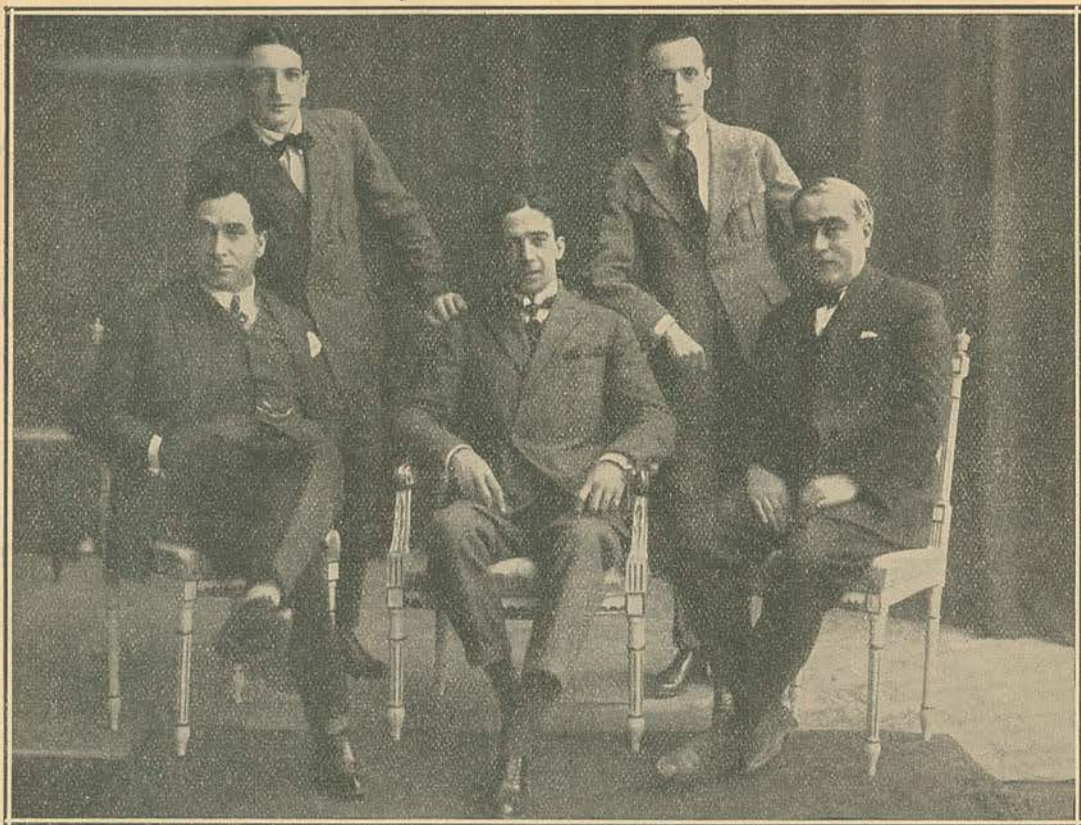


D. Eduardo Garcez de Baquero
Ilustre homem de letras espanhol, que realizou uma notavel conferencia, no dia 7, na Sociedade de Geografia



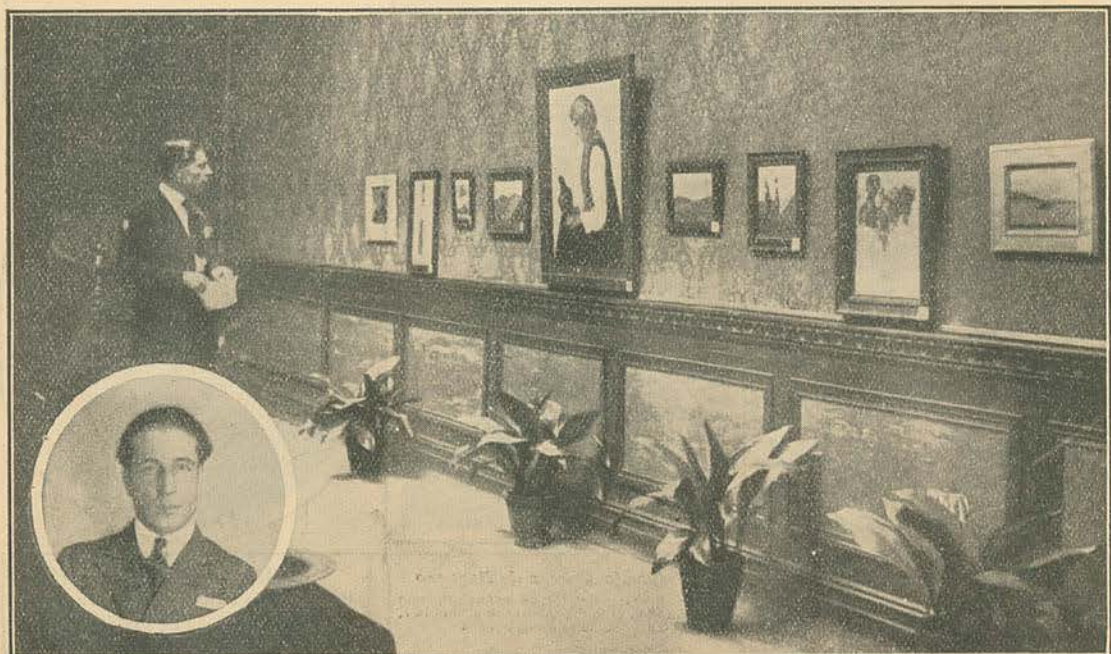
D. Ramon Perez de Ayala
Ilustre homem de letras espanhol, que realizou uma notavel conferencia, no dia 12, a Sociedade de Geografia

Associação de Classe dos Trabalhadores de Teatro



A actual direcção, que tão grande impulso tem dado á Associação, promovendo conferencias, espectáculos, exposições d' arte, etc., constituída (da esquerda para a direita) pelos actores: Carlos Lzal, 1.º secretario; Wenceslau d'Oliveira, vogal; Romualdo de Figueiredo, presidente; Armando Cruz, 2.º secretario; Augusto Cezar d'Avelar, tesoureiro

EXPOSIÇÃO DE PINTURA



Um trecho da interessante exposição de quadros do sr. A. da Fonseca, inaugurada, no dia 5, no Salão Bobone. No medallhão, o artista expositor

Fátima



FATIMA é uma aldeola pobre, que ergue as suas casinhas rusticas na serra de Minde, entre pedras, num terreno arido e melancólico, onde a vida é frugal e calma, onde a gente é humilde e simples.

Foi nos arredores de Fátima, num descampado que desce da estrada que liga Vila Nova de Ourem á Batalha, descampado inhospito e barrento onde mal vegetam azinheiras fracas e urze rala, que, no dia 13 de maio de 1917, tres pastorinhos ingenuos, duas raparigas e um rapaz, creanças ignorantes e singelas viram, á hora do meio dia, na claridade deslumbrante duma luz estranha, descer sobre uma azinheira baixa o vulto radioso duma mulher de extraordinaria beleza, vestida de branco, mãos postas que dependia um rosario, que, que muito séria, sem nunca sorrir ou chorar, lhes falou com uma do-

çura triste de orações, de penitencia, de paz no mundo e lhes confiou um segredo que oshumildes pastorinhos da serra nem com a sedução depromessas, nem como temor de ameaças quizeram revelar. A aparição misteriosa anunciava a sua volta no dia 13 de cada mez. Pouca gente prestou credito á infantil narrativa e apenas cinquenta pessoas em junho acompanharam as creanças. Em julho já foram cinco mil, deoito mil em agosto e trinta mil em setembro. A gente rude da serra acorria dos pontos mais proximos e mais distantes; despovoavam-se as vilas e aldeias e muitos afirmavam que sinais singulares apareciam na atmosfera e no firmamento.

O administrador do concelho deteve as creanças na data habitual da peregrinação, que já peregrinação se podia chamar; a Igreja abstinha-se de manifestar-se e numa demorada reserva observava e aguardava os acontecimentos. Mas nada dominava já a onda popular que seguia, avançando irresistivel. Os crentes e os enfermos afluíam a essa nova Lourdes e erguiam cânticos ajoelhando no aspero terreno da Cova da Iria, entre as pedras cinzentas da serra d'Ayre, no mesmo lugar em que, segundo refere a lenda, Nun'Alvares, o Santo Condestavel, orou e descansou na vespera da batalha de Aljubarrota, ao passar ali, com suas hostes, atravessando terras do seu condado de Ourem.

No memoravel dia 13 de outubro de 1917 foi avaliado em setenta mil o numero dos peregrinos de Fátima. Uns vinham trazidos pela anciosa

esperança de remedio para os seus males do corpo ou da alma, outros pela fé tranquila dos corações simples, outros ainda pela curiosidade do maravilhoso e alguns, mesmo, para observarem malévola ou conscienciosamente o espectáculo da multidão.

E deu-se um fenomeno estranho, no sol, na atmosfera, emfim, qualquer coisa de anormal, que durou alguns minutos e que prostrou o povo de joelhos deslumbrado e convencido. Chovia torremcialmente: a chuva parou, rasgaram-se as nuvens, e nas nuvens, no sol, na brumia houve uma luz singular, nunca vista, afirmavam uns; o sol girou vertiginosamente sobre si mesmo, descendo muito, contavam outros,



A capela e a imagem da Senhora do Rosario

tratava-se da auréola luminosa que cercava a aparição, dizem alguns; fôra apenas um fenómeno vulgar, visto muitas vezes em dias de chuva, declaravam também varios, mesmo entre catolicos fervorosos. Mas alguma coisa se dera de raro, que consagrou, entre o povo, pelo menos, a formosa aparição descrita pelos piedosos pastinhos da serra de Minde.

A alma de Bernardette ressurgia e a fé dos serranos espalhava-se, tendo encontrado a sua Lourdes.

Começaram a escavar o chão e nessa água barrenta de terreno esteril lavaram as suas feridas e as suas dôres. Uma capelinha pobre ergueuse no descampado. Alguns malfeteiros danificaram a bomba a capelinha rustica e cortaram cerce a azinheira que marcava o logar da aparição e de que os romeiros costumavam levar asperas folhinhas como reliquia. Mas tudo foi inutil. A romagem continua movimentada e pitoresca. Nos dia 13 de cada mez uma imagem de Nossa Senhora do Rosario, feita segunda a descrição dos pastinhos e mandada executara o que se diz, por um convertido, é conduzida á Cova da Iria e exposta á multidão num altar modesto.

Especialmente nos dias 13 de maio e de outubro a concorrência é enorme. A linda estrada da serra povoa-se de toda a especie de trans-



Um grupo de devotos junto da nascente

portes; automoveis de luxo e camions de carga; carros particulares e diligencias; «side-car» e bicicletas; carroças e burricos e o formigueiro interminavel de gente a pé, que das aldeolas proximas ou distantes vem submissa curvar-se aos pés da Senhora milagrosa que prometeu graças a tres humildes pastores. O aspecto da estrada é inolvidavel com o seu mixto de animação e recolhimento, de vehiculos diversos e de gente de todas as classes sociaes.

Estamos muito longe ainda da devoção organizada e suntuosa de Lourdes; a nossa basilica é um descampado nú, tendo por docel um ceu muitas vezes nublado de que desaba sobre os romeiros uma chuva torrencial,

como em 13 de outubro de 1922. O ponto de referencia é um exigua capelinha meio derruida; o logar de descanso as pedras asperas e pardas que se encontram pela serra.

Na ultima grande romaria, em 13 de maio de 1923, ha quem diga que do sol caiu uma chuva de pétalas, semelhante a petalas de rosa branca, que desciam, espalhadas no ar e lentamente desapareciam. E a devoção de Fátima, que a propria Igreja ainda não antenticou para os crentes, vai espalhando a sua fama por Portugal fóra e, sem organização, sem propaganda, prossegue numerosa, pacifica, espontanea.

MARIA DE CARVALHO.



Um aspecto da Cova da Iria

(Clichés D. Maria Octavia Sena.)

BERTILONAGEM PECUARIA



IRÊNE, vitela holandesa, de 11 meses

UMA comissão composta dos chefes de divisão do Direcção Geral dos Serviços Pecuários e do intendente de pecuária do districto procedeu nos animais do Posto Zootecnico de Lisboa a experiencias de bertilonagem pecuaria sendo os resultados tão satisfatorios como os obtidos lá fora.

Como se sabe a bertilonagem é o processo que a policia judiciaria emprega para o reconhecimento dos individuos pelo sistema bem conhecido das impressões digitais. Pela propria conformação dos animais não era possivel utilizar nestes o sistema digital, o que sugeriu a dois distintos profissionais, um francez, M. André Leroy, e outro americano, M. W. E. Peterson, a ideia de tornar a dificuldade



IRIA, vitela holandesa, de 11 meses

recorrendo em bovinos e caninos a impressões nasais, de tão profundo significado diferencial na sua expressão, como as impressões humanas digitais

Mostram as experiencias feitas no Posto Zootecnico de Lisboa que não ha duas entre elas iguais, como o leitor por sua vez pôde verificar, confrontando entre si as estampas que se reproduzem aqui. O processo está por ora limitado na sua applicação ás especies citadas, mas P. Dechambre promete resolver brevemente o problema em relação a suínos.

Escusado é de vêr qual a excepcional importancia da bertilonagem pecuaria, pelos seguros elementos de senha que oferece para a diferenciação individual, na organização dos livros genealogicos, nos registos de seguro pecuario e nas operações comerciais em que se imponha a necessidade de evitar a fraude da troca de animais e se queira firmar a diagnose individual.

Terminadas as experiencias a comissão visitou as dependencias do Posto e em boa hora o fez, por ter tido ensejo de elogiar o seu pessoal pelo bom estado em que encontrou o estabelecimento, cuja gerencia constitue verdadeiro milagre de administração e representa estrenuo zelo pelos serviços que ressaltará aos olhos do leitor, quando eu lhe diga que o seu actual director interino, sr. José Miguel Roque Pedreira, recebeu o Posto em precaria situação, resultado de uma gerencia anterior infeliz, e para o administrar capazmente teve que vencer mil e uma contrariedades que lhe surgiram pela frente, entre elas a má vontade de alguém que lhe curtou até a doação.

O sr. José Miguel Roque Pedreira é um funcionario brioso e inteligente, que honra o seu nome honrando nobremente a classe a que portence. Com muito prazer lhe faço esta referencia.

LUDOVICO DE MENEZES.



FREDERICA, vaca holandesa



GABRIELA, vaca holandesa

"Estrelas" Aze do Cinema



rece é na verdade tentador—o dote—mas, Jean muito mais gostaria de poder juntar o útil ao agradável, como quem diz, arranjar uma noiva, que lhe agradasse mais, fisicamente. Um dia em que Jean passeava perto da borda dum rio foi testemunha duma tentativa de suicídio. Uma rapariga elegantemente vestida lançara-se á agua. Jean não hesitou um segundo, despiu o casaco e salvou-a.

Marcelle Artannes tentava pôr termo á existencia, desesperada com a terrível situação em que se encontrava. Seu pai, o banqueiro Artannes, depois duns negócios desastrosos, querendo livrar-se dos compromissos to ma-

Miss Carleton
uma nova estrela,
que já conta
brilhantes exitos
na sua
curta carreira

JEAN Kemm acaba de obter mais um gran-exito como autor com a sua comedia «Ce pauvre chéri», montada pela «Pathé Consortium» e, ultimamente, exibido em Paris.

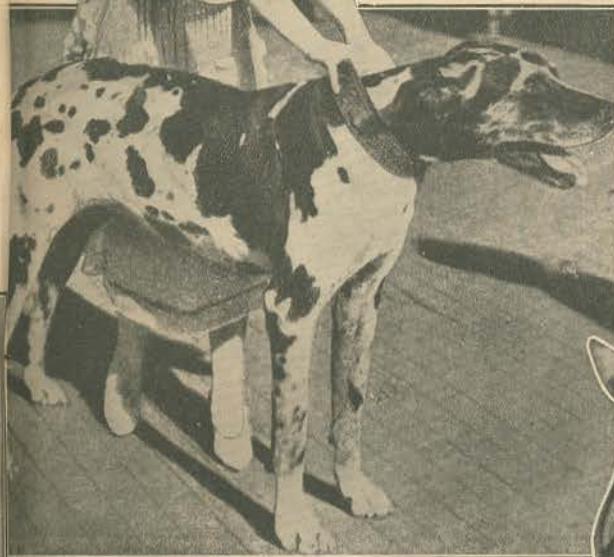
O entrecho da pelicula anda á volta da eterna historia de amor.

A marquez de Courlanges é duma solicitude verdadeiramente excessiva para com seu filho Jean, preparando-lhe habilmente o terreno para um magnifico enlace com «mademoiselle» Durosier, que possui o lindo dote de dez milhões.

Jean tem sobre o caso uma opinião diferente de sua mãe: o unico encanto que a jovem lhe ofe-



Wanda Hawley e Wallace Reid
na novela
de
Artur Schnitzler
As aventuras de Anat lio,
da Paramount



Miss May Mac Avoy,
estrela da Realart
com o seu
cão predilecto

amado, é a primeira a aconselhar o casamento.

No desempenho Jacques Férandy e Mlle Madys, nos papéis de Jean Courlanges e Marcelle são admiráveis.



Mary Glynn,
interprete dum conto
de
John Watson
filmando pela
Paramount

dos, fazia saltar os miolos com um tiro de pistola.

A orfã no auge da dor e do desespero te-lo-ia imitado, se Jean o não tivesse impedido.

Jean, enamorado de Marcelle tão formosa e tão infeliz, conta o seu amor á mãe, que se opõe, terminantemente, a um tal casamento com uma rapariga pobre.

Jean inclina-se perante a vontade da mãe, mas, delibera provar-lhe que Marcelle o ama só a ele e não á sua fortuna, como a marquez de Courlanges afirma.

Marcelle, que não sabe o verdadeiro nome de Jean, entra para o castelo dos Courlanges, para dama de companhia da marquez, e Jean ahi aparece desfigurado com a cara ligada, fazendo-se passar por um amigo do filho da marquez, victima de desastre.

Marcelle afeiçoou-se áquele infeliz e é em vão que um milionario põe aos pés da orfã uma fortuna e um coração.

Enfim a marquez convencida que o seu filho é

FIGURAS & FACTOS



O sr. Jorge de Mendonça e a sr. D. Isabel Cumano, filha do grande industrial algarvio sr. João Antonio Judice Plalho, cujo casamento se realizou na Sé de Faro, no dia 5 do corrente, sendo celebrante o sr. Arcebispo do Algarve.
(«Clichê» T. J. Medai)



Escola Reina Victoria

O lanche que se segue à distribuição de prémios oferecido pelo Centro Espanhol aos alunos das Escolas Reina Victoria realizado, no dia 8, no referido centro, sob a presidência dos srs. ministros de Espanha e com a assistência de varios vultos de destaque da colonia.

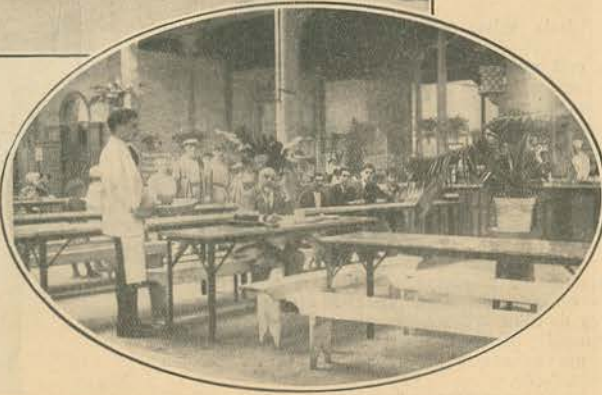


Sapadores de Caminhos de Ferro

Um aspecto da cerimonia da ratificação do juramento de bndicta pelo recrutado desta batalha, realizada, no dia 8, no quartel de Campo d'Ourique, com grande imponentia e a assistência do sr. ministro da guerra, comandante da unidade, tenente-coronel Raul Esteves, e muitos officiaes e convidados.

Cosinha Economica da Ribeira Velha

Acaba de ser reaberta ao publico, completamente remodelada no sentido de fornecer refeições acessiveis ás classes médias



D. Maria Antonieta de Lima Cruz

Distinta compositora musical, que realizou recentemente, com grande successo, um concerto nos salões da Liga Naval

Venda de peixe

As novas barracas para venda de peixe montadas em varios pontos da cidade

Escola Primaria Superior d'Agueca

Grupo dos professores e alunos desta escola, onde se realizou, no dia 24 do mez findo, uma sessão solemne de encerramento do ano escolar e a inauguração da exposição de trabalhos dos mesmos alunos



A mulher e as uvas

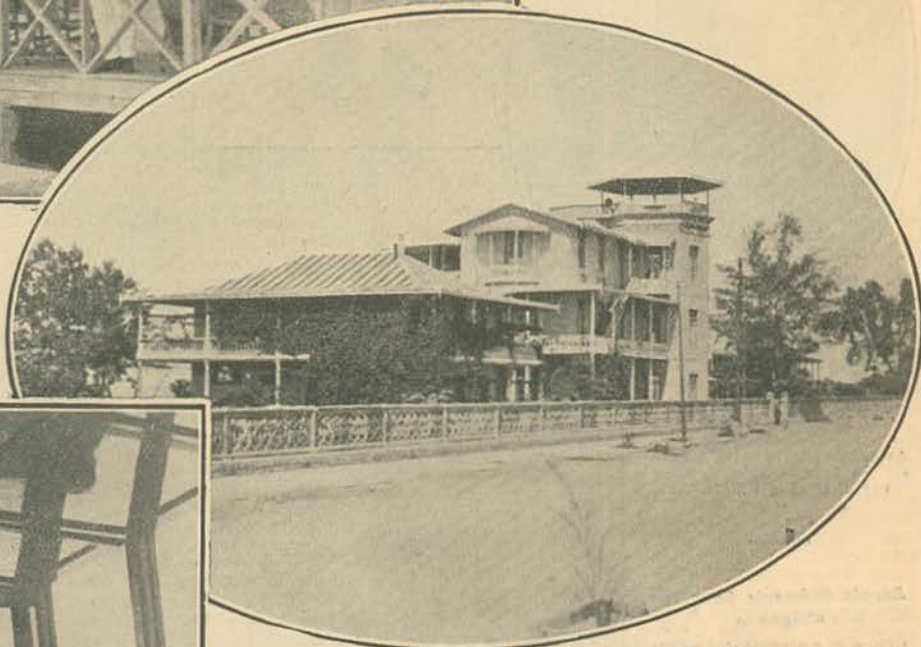
Estatueta do escultor portuguez Antonio da Costa, que figurou no Salon de Paris





Terras d'Africa

O sr. dr. Nuno Simões,
deputado e ilustre direc-
tor de A Patria, na va-
randa da casa da Com-
panhia do Ganda (Lobi-
to), no dia 17 de maio
último



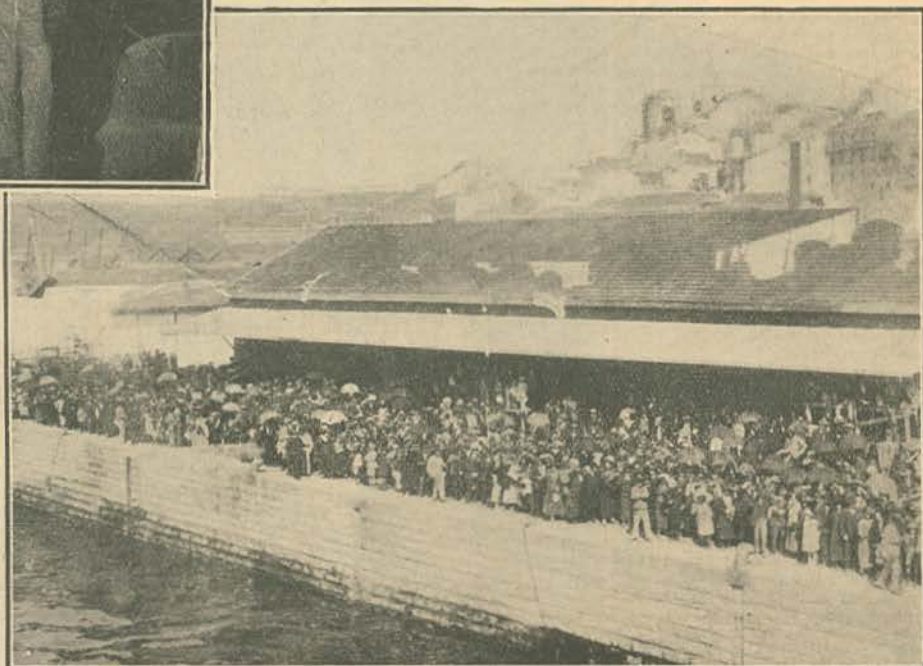
Uma rua em Lobito

Mr. Labrique, governador do distrito de Lutua, Congo belga, conver-
sando com o capitão sr. Cunha e Almeida, que, em abril, realizou o
raide Huambo-Benguela-Mossamedes-Huamato



A multidão
aguardando a chegada
do
paquete Beira,
no caes
de Lobito,
em
11 de junho ultimo

(Clichés Pimentel Tel-
xeira)





Adelina Abranches

LÓDO

PEÇA EM TRES ACTOS, DE ALFREDO CORTEZ,
REPRESENTADA,
EM RECITA UNICA, NO POLITEAMA



Alfredo Cortez

A peça em tres actos, *O lódo*, segundo trabalho do sr. Alfredo Cortez, depois de «recusada por todas as empresas, foi posta em scena pelo autor, em recita unica, na noite de 2 de julho de 1923, no teatro Politeama, de Lisboa», consoante resa uma nota que, no volume apparecido á venda, antecede a d'stribuição. A recita realisou-se em beneficio da Casa de Gil Vicente e o teatro encheu-se de ponta a ponta, menos porque houvesse empenho em auxiliar aquele Instituto de beneficencia que pelo cheiro acre do escandalo, visto constar que a peça era brutalmente audaciosa e versava um assunto da maior escabrosidade. Se o espectáculo do palco despertou, de facto, interesse, o da sala e dos corredores afigurou-se-me ainda mais interessante. Entrechocaram-se os que aplaudiam e os que condenavam, ficando o autor com a grata impressão, que os nubes conservem, de que a quasi totalidade do publico estava decididamente do seu lado, e saboreou aquele «teatro portuguez» com o mesmo enlevo e a mesma delicia que assinalaram a estrela do *Frei Luiz de Sousa*, numa noite por igual memoravel. Assegura-se que, entre nós, a critica não existe, mas raro se tem publicado tão longos e tão notaveis artigos criticos como a proposito de *O lódo*. Os srs. Jaime Victor, Matos Sequeira, Cristovam Aires, Jorge de Faria, Artur Portela, Mario Bonança, Nogueira de Brito, Augusto de Lacerda, Leitão de Barros, Luiz de Oliveira Guimarães, e ainda outros, alargaram-se na minuciosa apreciação da obra do sr. Alfredo Cortez, de modo a preencherem colunas da imprensa diurna e nocturna. Como resposta, o autor de *O lódo* veiu proclamar, em letra redonda, que «a critica em Portugal está perfeitamente desacreditada» e que «os dramaturgos portuguezes... não encontram uma voz autorizada e competente que os repreenda ou que os instigue, que lhes mostre as suas qualidades e os seus defeitos, sendo vulgar, a troco de duas venias, quem as faz, ouvir os maiores elogios, ou encontrar a perseguição pessoal todo aquele que não tratar os usurpadores da imprensa de teatro com a necessario acatamento.» Dir-se-hia, porquanto o sr. Alfredo Cortez não faz restricções, nada haver de proficuo e de sério, de independente e imparcial nas criticas firmadas pelos jornalistas e homens de letras que acima se mencionam e achar-se a maior parte destes, senão todos, muito abaixo da cravella do criticado, que se reputa apenas uma vittima de «inimigos pessoais». Com effeito, os dois ou tres criticos, dos dez cujos nomes cito, e que foram de uma extremada benevolencia para com o sr. Alfredo Cortez, não lhe enalteciram incondicionalmente o valor, que ninguém, aliás, lhe nega, pelas fortes razões por que os outros censuraram, em varios dos seus aspectos, a obra que deu á estampa e não se dispousou de ver desempenhada, embora em recita unica. Seria o cumulo se tal fizessem!

Mas o que é *O lódo* e como se explica tamanha bulha levantada á sua volta? Um dos nossos ceiros consiste em andar, por via de regra, atrazados nas coisas que respeitam ás bellas-lettras e ás bellas-artes. Tomamos, amiude, por innovações, por ineditismos, por creações, por audacias nunca vistas, certos trabalhos que, revelando porventura louvaveis meritos, estão, no entanto, longe de possuir a novidade e a originalidade que lhes attribuem os facéis entusiasmados dos basbaques ou dos amigos do diabo. *O lódo* é uma peça successivamente realista, romantica e guinhollesca, tendo o autor carregado a mão em qualquer dos generos. Observando-se nela a lei das tres unidades, com a qual hoje se prendem raros dramaturgos, adotam-se ao mesmo tempo os processos vulgares das tres escolas, as duas primeiras corações de veneraveis cans e a ultima também já entradinha em

idade, comquanto mais nova e menos desenvolvida que as outras. O realismo, o romantismo e o guinholismo de *O lódo* fizeram a sua epoca e o sr. Alfredo Cortez, imaginando-se um reformador, quicá porque amalgamou, sem dar por isso, os tres generos nos seus aspectos mais exagerados, pouco menos é que um retardatario. As proprias arremetidas quixotescas que tem por alvo os molinhos da critica representam um atrazo de quasi meio seculo. Houve sempre autores que esgrimissem contra criticos. A historia dos manifestos não é nova. O romancista do *Pot-Bouille* e do *Assomoir*, de quem o sr. Alfredo Cortez se aproxima na aguda sensibilidade morbida, subscreveu-os para maltratar a critica quando ella se não conformou, em absoluto, com o naturalismo posto em scena por Emilio Zola e os seus colaboradores. Mas os manifestos zolescos, a despeito da sua irritação doentia, expunham e opunham argumentos; o sr. Alfredo Cortez não discute. Com um desdem olimpico, classifica de incompetentes os que ousam fazer comentarios ás suas produções teatraes e chega ao ponto de lhes negar sombra de sinceridade. Isto é que me parece ser um sistema original e inequívoco.

O lódo foi analisado com superior competencia por alguns dos nossos criticos teatraes a quem não escasseia autoridade para semelhante cometimento, menos transcendental, todavia, do que possivelmente supõe o autor da peça. Seria injustiça não reconhecer no sr. Alfredo Cortez queda e geito para o que se chama a construção de um trabalho scenico. Mais do que queda e geito: manifesta e apreciabilissima habilidade. O primeiro acto de *O lódo*, como o primeiro acto da *Zilda*, o demonstra. E' o que se aproveita denominar, em literatura dramatica, a carpintaria. O sr. Alfredo Cortez, porém, não obstante o natural escrupulo com que atende a pormenores aparentemente minimos, e que o não são, porque servem para justificar determinados episodios e circumstancias varias que ficariam inexplicaveis, é ainda, aqui e acolá, desegual, imperfeito e por vezes ingenuo, sobretudo quanto ao estilo, que faz parte integrante da tecnica. Decorre a acção de *O lódo* num prostibulo de infima classe, em pleno bairro da Mouraria. O realismo do quadro obriga a lembrar ao autor que nem toda a verdade da vida se pode transferir, nua e crua, para o palco, porque nem toda a realidade cabe nos dominios da Arte, se bem que lá haja um assunto que deixe de ser teatralisavel. O caso está em que se saiba teatralisalo, no bom e alto sentido desta palavra. E soube o sr. Alfredo Cortez, por forma que impressionasse, comovesse e empolgasse, teatralisar o escabroso e repugnante entrecho de *O lódo*? O que conseguiu—em muitos dos que o ouviram e não patearam—foi provocar a nausea. As figuras que se movem no primeira plano da peça são, na sua hedionda crapula, na sua estrutural torpeza, na sua horrenda bestificação, simplesmente nauseantes. Exceptua-se uma, que despertaria a nossa sympathia e a nossa piedade e não deixaria indifferente a nossa ternura se possuísse verosimilhança e logica. A Domingas Capelão, dona do alcoceque; o Manuel Facão, chulo encartado; a Julia forastellera, filha da Domingas e amante do Manuel, que o havia sido primeiro da proxeneta, pertencem á vasa humana mais repulsiva e meffica. A Maria da Luz, flór melindrosa de pureza, ardendo, aos vinte e um annos, em amor filial pela mulher que lhe deu o ser, mas a não creou nem educou, e que pretende, sem outros recursos além da boa vontade, salvar sua mãe que deuceu á ultima degradação, só porque a ela a tentaram seduzir, é um pobre invento romantico dos mais artificiosos e inconsistentes. Proval-o nada me custaria, se dispuzesse de espaço, mas creio que se me offerecerá occasião de o fazer opportunamente noutro logar. Como o sr. Alfredo Cortez não acredita na sinceridade e na competencia da critica, decerto que a demora o não afflige. Ante o fratricidio de que é vittima Maria da Luz, de subito e por causa de um sordido lucro, ainda não premedialmente perdido, estrangulada pela monstruosa irmã, ficamos im-

(Continúa na pag. 62)



Leve um “Kodak” traga depois as suas férias

Quando chega o momento da retirada, não abandone os momentos felizes das vossas férias—traga-os para casa no vosso “Kodak.” Traga as paisagens encantadoras, os incidentes agradáveis, os vossos amigos, as crianças brincando, os grupos dos piqueniques. Sim, traga-os todos sob a forma de encantadoras fotografias “Kodak.” Peça ao vosso fornecedor de artigos fotográficos, para que vos mostre o seu sortido de “Kodaks”; ha-os com preços para todas as algibeiras. Lembre-se que a aprendizagem de um “Kodak” se fás em meia hora.

**As férias só se tornam
duradouras com um
“Kodak”**

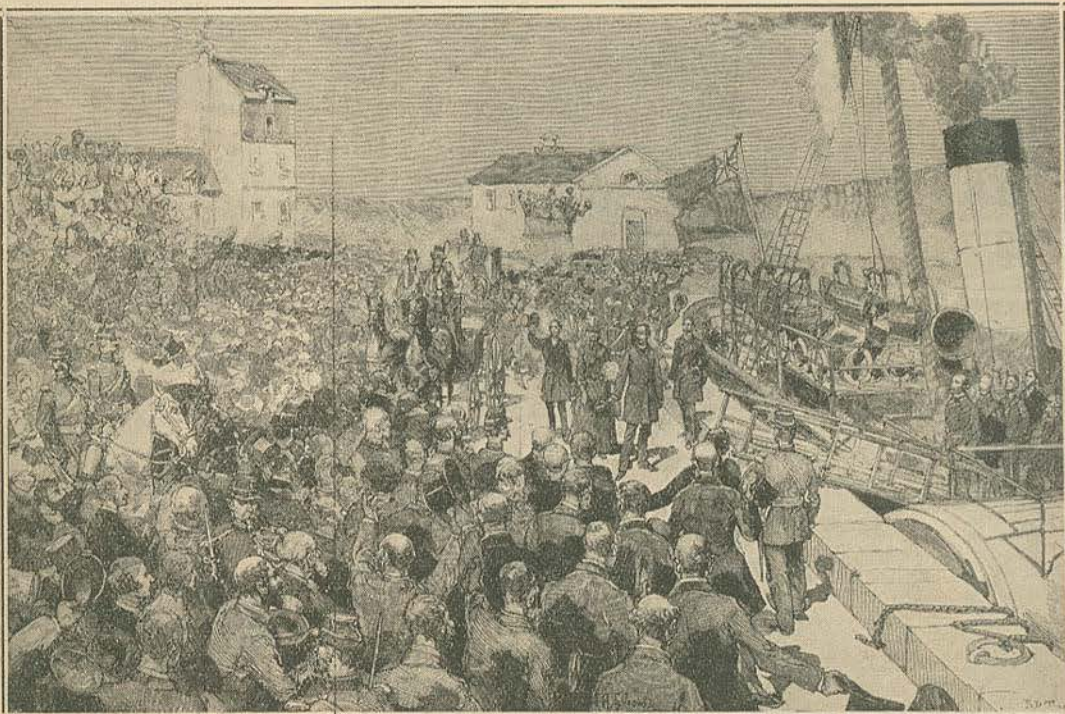
Kodak Limited, 33 Rua Garrett, Lisboa

Ha Muitos Anos...

A "questão monarquista" em França



O conde de Paris deixando o seu Castelo d'Eu



Embarque do Conde de Paris e sua família a bordo do transporte inglês «Victoria», no caes de Tréport

A expulsão de França dos Condes de Paris teve por motivo, se não por pretexto, a retumbante recepção oferecida pelos mesmos Condes a quando dos esposas da sr.^a D. Amélia d'Orléans com D. Carlos de Bragança. E dizemos pretexto porque a verdade é que a «questão monarquista» já antes desse caso andava acesa, em França, principalmente apoz as eleições de 4 d'Outubro de 1885, em que o partido monarquico conseguira vencer grande numero de candidaturas republicanas. Em seguida á recepção a que acima nos re-

ferimos, que abrangeu grandes ares de «real», um deputado apresentou em cântos um projecto de lei para que os principaes fossem expulsos do territorio francez e, de facto, a 24 de Junho do anno seguinte, os condes de Paris abandonavam a França.

Agora que — apóz 38 anos — tanto se torna a discutir all a «questão monarquista» offerece-se-nos curioso resuscitar as duas gravuras que publicamos extrahidas da «A Ilustração» de 20 de Julho de 1880.

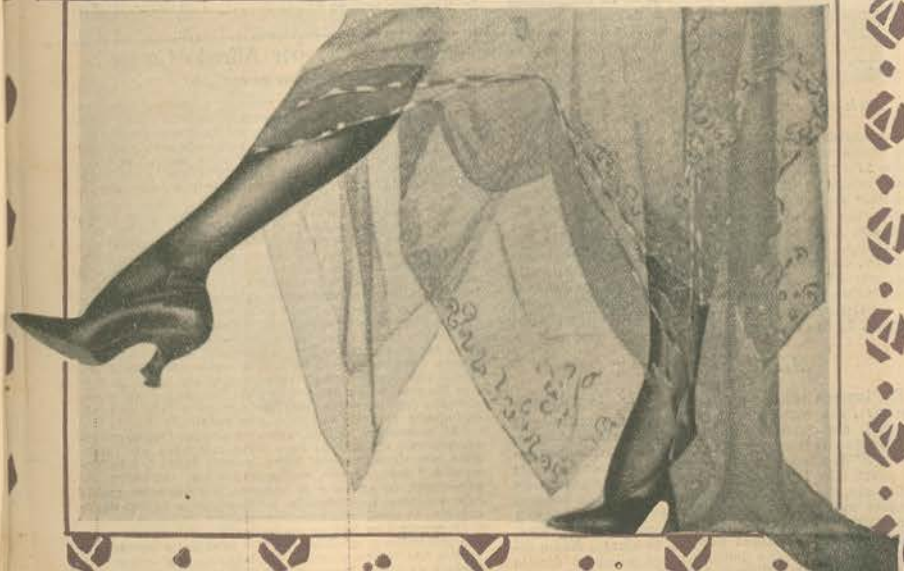
Regina



Que mulher gentil pode esquivar-se ao desejo de ter um lindo pé e de o apresentar irrepreensivelmente calçado?

Nenhuma, decerto, e será essa a razão por que todas as filhas de Eva seguem atentamente e as desorientadoras evoluções da moda, na ância de surpreender e m quantas novidades a caprichosa maga da elegância pode crear para alindamento dos pés femininos.

Elegante





AQUI SE DIRA
DOS LIVROS
CUJOS AUTO-
RES, ENVIAN-
DO-OS A BI-
BLIOTECA DA
ILUSTRAÇÃO
PORTUGUESA,
MANIFESTEM
O DESEJO DE
SER FALADOS



ONDE SE CONVERSARA' COM OS
LEITORES A PROPOSITO DE TU-
DO E O MAIS QUE OCORRER.

SONETOS e ATRAVEZ DA BRUMA. por Maria de Carvalho

E' a sr.^a D. Maria de Carvalho uma das primeiras poetisas portuguesas contemporaneas. Poderão outras, das que vieram depois, ter conquistado uma popularidade maior; ela, porém, conserva o posto de honra que conquistou com os *Sonetos*, cuja segunda edição temos presente. A sr.^a D. Maria de Carvalho não faz do amor o tema exclusivo dos seus versos. Preferindo a forma poetica que deu o titulo ao volume, os seus sonetos buscam a inspiração numa multiplicidade vastissima de temas: as coisas do espirito e as da natureza; os sentimentos que tumultuam na alma e as maravilhas que constituem o universo; as recordações do passado e os sonhos do futuro; as delicias da fé e os desesperos da duvida; os encantos de Portugal e as formosuras que lhe deslumbra os olhos nas suas peregrinações europeias. D. Maria Amália Vaz de Carvalho, exaltando



Maria de Carvalho

estes breves poemas, disse: «São versos de mulher e de Senhora, como eu os amo, como os quereria ter feito, se a vida não me tivesse arrastado para dominios mais aridos e mais positivos.» E a ilustre escritora concluiu num rogo: «Dê-nos versos tão bonitos, tão diversos, tão tocados duma graça misteriosa como os que nos tem dado até agora.» A sr.^a D. Maria de Carvalho assim fez. O livro *Atravez da bruma*, igualmente em sonetos, confirma todas as belas qualidades da poetisa que, em não poucos, nos brinda com incontestaveis obras primas pela delicadeza e elevação do pensamento e pelos primores da forma. Edições da livraria Rodrigues, da rua do Ouro.

ALTAR, por GIL VAZ

Em luxuosa edição, no estilo das da sr.^a D. Judith Teixeira, fez estampar o sr. Gil Vaz um punhado de canções, em quadras setisilabicas, de rimas simples, que, frequentemente, possuem um delicioso sabor popular. E' de obrigação — e bem grata — reconhecer que ao poeta não faltam qualidades para este genero. Os versos são, em geral, harmoniosos, encerrando imagens simples mas belas; a metrificacão é correctissima. A materia do volume caberia, porém, muito á vontade, na quinta parte do papel por que se alarga. Não o dizemos para censurar o poeta que está no pleno direito de dar á sua obra a disposição grafica que melhor lhe convenha, ou mais lhe apeteça. Dizemol-o apenas para lastimar que tanto espaço em branco não seja preenchido por novas quadras tão bonitas como as que foram estampadas. Edição do autor.

PERFUMISTA.—Deseja V. Ex.^a um perfume proprio para sachet. Como não explica se o deseja para roupa ou para uso proprio envio-lhe du. s receitas.

Para as gavetas: Reduzem-se a pó partes eguaes folhas de tomilho, de alfazema, de hyssope, de verbena, d' malva, de rosmarinho e de mangleirido. Juntam-se a este pó alguns cravos da India e uma porção de noz moscada. Mete-se esta mistura em saquinhos de pano grosso.

Para uso proprio: Desfolham-se rosas brancas e põem-se as pétalas a secar d' sombra; depois metem-se por uns segundos num forno muito brando, até ficarem friaveis, e depois de reduzidas a pó fazem sachets perfumadissimas. —D.

ERRATA

No anterior numero da *Ilustração* diz-se, por lapso, na legenda do retrato do ilustre professor de anatomia sr. dr. Henrique de Vilhena que este homem de sciencia foi a S. Tiago de Compostela assistir a um banquete em honra do medico espanhol sr. Gumersindo Guisando «que foi um dos seus mestres», quando devera ter-se dito de «quem foi um dos mestres». Fica feita a rectificação, com as nossas desculpas ao sr. dr. Henrique de Vilhena.

«O LODO», por Alfredo Cortez

(Continuado da pag. 37)

passíveis. A attitudé da velha ramelra, a quem o assassino não assombrou de sorte a cohibila de fornecer, num aplice, a idéa e o meio da criminosa se furtar á responsabilidade da sua obra, será defensavel, mas como cumulo do pestilento, inconcebivel tremedal em que o autor mergulhou a sua pena de retratista-psicologo de podridões que, ainda entre aqueles desclassificados, serão, numa grande parte, esporadicadas.

Convenhamos em que o sr. Alfredo Cortez já se mostra senhor do compasso e da regua com que traça, gradua, concatena e desenlaca as scenas e os actos das suas peças. Não se resume, todavia, em tal a tecnica de um dramaturgo. E' mister que, além de bom carpinteiro, seja tambem homem de letras com a exacta noção dos valores da linguagem teatral. Em *O lodo*, mascararam-se as deficiencias literarias do autor, sob este aspecto, com a abundancia dos termos de gloria, no primeiro e terceiro actos. No segundo, porém, errou totalmente, quando quiz que as personagens falassem como gente limpa, e o seu estilo e as imagens e os conceitos expressos assemelham-se então aos de certos romances distribuidos pelos domicilios em cadernetas e que fazem as delicias dos marcanos e das costureiras. Não seria difficil exemplificar-o com inumeras passagens, em que a falta de tecnica litteraria do autor resalta a cada instante.

E', porventura, *O lodo*, grosseira pintura tragico-grotesca de corpos e almas da mais baixa ralé, obra sem finalidade, sem elevação e sem beleza, embora exista o belo horrivel — é *O lodo* que vem contrapor-se á tal «atmosfera de pessimismo, de asfixia e de derrota», supostamente creada pela imprensa, na affirmacão do autor, para embarcar o caminho ás peças originaes portuguezas? Parece troça!

O prestigio de Adeline Abranches, ainda mais que a sua arte maravilhosa; a solidariedade, o talento e a coragem de Amélia Rey Colaço, o esforço de Constança Navarro, a intelligencia de Robles Monteiro reuniram-se para, num conjunto que merece encomios, pôr de pé *O lodo* na noite de 2 de julho, em recita unica. Não duvido de que, a continuar em scena, tivesse espectadores e aplausos e talvez quartas-feiras da moda e assistencias elegantes nos *carnets* das gazetas...

AVELINO DE ALMEIDA

PAGINA INFANTIL

AVENTURA DUM GERICO





ESFINGIA



Rocel quasi pela America,
Em Guatemala passei—1
Dei a volta pela India,
E a Porto Santo aporlei...

Ao voltar a Portugal,
Não sei se vos diga e conte,
Passei dois meses felizes,
Com *alguem*, em Ayamonte—1

O que me deixou saudade,
Mas saudade verdadeira,
Foi o tempo que passei,
Na Republica estrangeira.

**Decifrações das produções publicadas
no numero transacto:**

Enigma: Marreta.

Charadas em verso: Salamanca—Quar-
tola.

Charadas em frase: Ultramar—Precar-
ta—Saramago.

Enigma pitoresco: Justiça fraca, faz
fraca a gente forte.

Logogrifo: Ser misterioso e inesplícavel.

Um Braguense

CHARADAS EM FRASE

O pagem da rainha d'esta terra é um
homem muito porco—1—2.

Rci Vambas

E' vivificante a diva que está no seu
leito—2—2.

C. Sillet

Ao ilustre charadista «Do 14»

Foi por causa do instrumento que a
mulher fez o enredo—2—2.

M. Relvas

ENIGMA

No masculino é mamifero,
Animal esperto e fino,
E a mesma palavra, dá-nos,
Um peixe, no feminino.

Tem seis letras a palavra,
Nos dois casos, quasi eguaes,
Distinguindo macho e femêa,
Apenas pelas vogaes.

Tercia, primeira, segunda
E mais quarta a frente d'estas,
E' animal a quem todos,
Por gosto fazemos festas.

Não dou mais explicações,
As que dei, já chegam bem,
Para os mestres, disse muito,
E p'ra os novatos... também.

Castor & Polux

Ao colega «Gloria»

Sete letras são ao todo,
Consoantes e vogaes,
Duas só, são repetidas,
Melhor é não dizer mais...

Prima, segunda mais quinta,
Sexta e final, a bem lèr,
Dar-vos-há alguma coisa,
Que bem podeis acender.

Tercia, quarta, mais a quinta,
E segunda a terminar,
E' o sitio mais terrivel,
Onde podeis repousar.

De quinta, segunda e terciã,
Mais segunda encontreis,
Uma femêa, da qual vós,
Alguma coisa bebeis.

O conceito é muito facil
Embora digam que não,
Qualquer petiz o dirã,
Mesmo até um aldeão.

Marteio

CHARADAS EM VERSO

No tempo que fui *alguem*,
E tive muito dinheiro,
Fiz uma longa viagem,
Corri quasi o mundo inteiro.

Percorri a Hespanha toda,
Dei a volta p'los Brazis...
Estive um mez em Angola,
E uma semana em Paris—1

Permaneci pela Asia,
Uns quinze dias talvez,
E muito perto da Arabia,—1
Eu estive quasi um mez.

À minha boa amiga a brilhante chara-
distã S. R. (Tiduj)

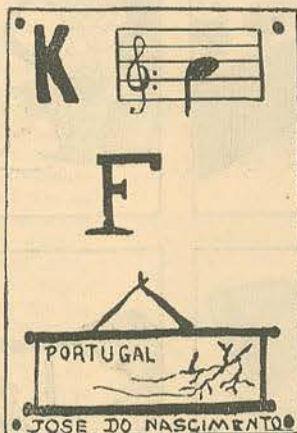
Convido a D. Judith
E mais senhoras distintas—2
A vir um dia a Coimbra—1
Visitar as minhas quintas.

Quero que venham provar,
O que dizem raridade,
Um fruto que aqui abunda,
E que é especialidade.

Coimbra

Anidlopoel

ENIGMA PITORESCO



QUADRO DE HONRA

Otrebla Ser — Alma minha —
Tiduj — C. Sillet — Club do Si-
lencio — P. lo — Singir' or
— Pinta scenas — Trio Lilaz —
Lucia Lima — Do 16 — Josolicos
— Marco Lino — A l agram —
Palluro — Sa t'Ana — Violeta
— Tio Dóro — Um braguense
— C. C. Vieira — Dr. Salolo

Campeões decifradores do pe-
nultimo numero

LOGOGRIFO

Aquela triste e lèda madrugada,
Cheia toda de máguã e piedade,
Enquanto houver no mundo saudade
Quero que seja sempre celebrada.

«Ela» só, quando amena e marchetada
—10—3—4—3—8—6—1.
Saia, dando á «terra» claridade,—12—9
2—11—5.

Viu apartar-se d'uma outra vontade,
Que nunca poderá ver-se apartada;

Ela só via as lagrimas em fio,
Que d'uns e d'outros olhos derivadas,
Juntando-se formarão largo rio;—5—0—
4—7—6.

Ela ouviu as palavras magoadas,
Que poderão tornar o fogo-frio,
E dar descanso ás almas «condenadas».

Plutão

Indicações uteis

No proximo sabado sairão publica-
das na *Ilustração Portuguesa* as decif-
rações das produções inseridas neste
numero.

—Toda a correspondencia relativa a
esta secção deve ser enviada ao *Se-
culo* e endereçada a José Pedro do
Carmo.

—Ao director d'esta secção assiste o
direito de não publicar produções que
julgue imperfeitas.

—Só é conferido o Quadro de Honra
a quem envie todas as decifrações exa-
tas, que deverão ser entregues até cinco
dias após a saída d'este numero, ás 16 ho-
ras, na sucursal do Rocio.

—Todas as produções devem vir escri-
tas em separado e os enigmas pitores-
cos bem desenhados em papel liso e tinta
da China.

—Os originaes, quer sejam ou não pu-
blicados, não se restituem.